

# CONVERGÊNCIA



- Como viver uma vida consagrada numa sociedade injusta?
- Identidade do ser religioso
- A convivência de jovens e de mais idosos na vida religiosa



CRB

# Sumário

EDITORIAL .....	1
PALAVRA DO PAPA .....	5
INFORME CRB .....	13
ARTIGOS .....	21
Como viver uma vida consagrada numa sociedade injusta? .....	21
José COMBLIN	
Identidade do ser religioso .....	36
J. B. LIBANIO	
A convivência de jovens e de mais idosos na vida religiosa .....	53
BERNARDINO LEERS, OFM	

*A ilustração da capa da Convergência de 2005 apresenta elementos simbólicos estilizados:*

*A tenda, símbolo de desinstalação, de busca do essencial; a mão, sinal da presença aconchegante de Deus; a lâmpada, evocação da luz do Espírito; o caminho, sinal de itinerância do povo de Deus. Tudo converge para o horizonte do futuro, para o Sol da Vida, sob o signo da Cruz do Ressuscitado.*

*O projeto gráfico é do artista Anderson S. Pereira, MSC - Rio de Janeiro/RJ.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

### REDATOR RESPONSÁVEL:

Pc. Marcos de Lima, SDB

(Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ

Pc. Francisco Taborda, SJ

Pc. Jaldemir Vitório, SJ

Pc. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar

CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

### PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402

CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: [letracapital@letracapital.com.br](mailto:letracapital@letracapital.com.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n° P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

Assinatura

Anual

para 2005

Brasil: R\$ 85,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,50 ou US\$ 8.00

# Editorial



18 FEV. 2005

- CRB -  
- BIBLIOTECA -  
R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia  
Cep 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

## Solidariedade e Paz

O sistema sócio-econômico vigente no mundo atual se caracteriza como injusto e excludente, conseqüentemente incapaz de gerar solidariedade e paz, seja nas relações entre Povos e Nações, seja no coração das pessoas. Mas apesar da dominação imposta por esse sistema hegemônico e concentrador, há também, e cada vez mais, na nossa sociedade, espaços de ação solidária e em prol da paz, que tendem a se consolidar e se difundir capilarmente, irrigando como diminutos veios de água borbulhante a resistência contracultural de pessoas, comunidades e grupos mais sensíveis ao drama da exclusão social e à assustadora escalada da violência.

Nessa realidade contraditória e ambígua do mundo de hoje, a Campanha da Fraternidade deste ano de 2005 quer contribuir para reforçar os lampejos de esperança, as iniciativas de caráter transformador, a busca conjunta de alternativas à suposta definitividade do sistema neoliberal capitalista com sua seqüela de males e conflitos. Quer fazer ressoar nos mais diversos contextos da sociedade, nas praças públicas e na interioridade das consciências, a Boa

Nova do Reino de Deus, anunciando justiça, solidariedade e paz. Tal objetivo está expresso no cartaz da CF de forma lúdica, apresentando "a busca da solidariedade e da paz como um caminho de construção de alegria, e não como uma obrigação penosa". Essa meta que a CF-2005 se propõe está em plena sintonia com os anseios profundos de milhões de homens e mulheres dos mais diversos contextos geográficos, sócio-culturais e religiosos de hoje.

A convicção de que a paz só será possível se houver justiça e a solidariedade florescer permeia toda a Bíblia. Essa convicção tem raízes profundas na experiência de Israel. A imagem bíblica de Javé no Antigo Testamento é a de um Deus solidário, que convoca seu povo à comunhão solidária, que não aceita a injustiça e a quebra da solidariedade, que mostra ao povo o caminho da paz pelas vias da justiça e da solidariedade.

No Livro dos Salmos há uma aspiração pela paz repetida constantemente, expressando a alma orante do povo que se dirige a Deus como dador de paz, capaz de converter o coração humano e de fa-

zer acontecer o almejado abraço da paz com a justiça.

Por sua vez, os Profetas, como portavozes de Javé se insurgem contra todas as formas de opressão e de exploração, que geram divisões e exclusões. O que Deus quer é justiça, é solidariedade, não a rapina, a violação dos direitos e os falsos sacrifícios (Cf. Am 5,21). Denunciam a injustiça cometida contra os humildes, porque constitui um atentado à Aliança e rompe o ideal da comunhão com Deus e da solidariedade nos problemas da comunidade (Jr 31, 29-30). Isaías se insurge sobretudo contra a acumulação da terra pelos latifundiários, que gera pobreza e falta de solidariedade na convivência social (Is 5,8-10). Jeremias desmascara o pecado dos grandes que apelavam para o templo e a religião para legitimar sua insensibilidade diante da miséria do povo e para continuar cometendo injustiças e delitos às custas do estrangeiro, do órfão e da viúva (Jr 7,1-15). O mais substancial da mensagem profética aponta, portanto para essa verdade básica: Só cultivando o respeito aos direitos de todos e a solidariedade se pode gozar de paz. "Paz verdadeira se faz com cada um tendo o suficiente para viver, sem agressões, sem precisar se defender do vizinho ou de quem quer que seja. A melhor defesa é todos se importarem com todos, todos cuidarem de todos" (CF 2005: TB 2)

Em Jesus o Reino de Deus ganha visibilidade histórica. Nesse Reino, a justiça, o respeito ao outro, a solidariedade são valores fundamentais e caminhos para a paz. As práticas de Jesus e sua mensagem apontam nessa direção. Inspirando-se nessas práticas e nessa mensagem, o texto base da Campanha da Fraternidade de 2005, na par-

te 3, propõe algumas sugestões concretas de ação, capazes de levar cristãos e cristãs a um sério compromisso com as metas da Campanha. O texto urge a que se viva a lógica da solidariedade no dia a dia das comunidades; incentiva a prática da *não violência ativa* e da *não cooperação*, entendida esta no sentido técnico do termo. Lembra a figura de grandes líderes religiosos do século passado, comprometidos até à morte com a causa da paz e da solidariedade, enfatizando a atualidade e a força profética do seu testemunho.

João Paulo II, na mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2005, lembra que "a violência destrói o que ambiciona defender: a dignidade, a vida e a liberdade dos seres humanos. Por isso torna-se indispensável promover uma grande obra educadora das consciências que forme a todos, sobretudo às novas gerações, para o bem abrindo-lhes o horizonte do humanismo integral e solidário que a Igreja indica e deseja. Sobre essas bases, é possível criar uma ordem social, econômica e política que tenha em conta a dignidade, a liberdade e os direitos fundamentais de cada pessoa".

Como religiosos e religiosas somos urgidos a aderir à grande mobilização que a Campanha da Fraternidade deste ano está suscitando. Somos pro-vocados a unir-nos ao grande mutirão de solidariedade e de construção da paz que está se expandindo no mundo; a colocar nossos recursos pessoais e institucionais a serviço dessa causa. Mas para tanto é preciso que a Vida Religiosa renuncie a arcaicas atitudes de auto-suficiência e busca de protagonismo. Que caminhe com humildade e coragem, lado a lado, com todos aqueles que se comprometem na construção de um mundo mais humano e soli-

dário, onde justiça e paz se abracem de maneira estável e duradoura.

No início deste ano de 2005, Convergência quer renovar junto a seus leitores, o seu compromisso de seguir servindo à Vida Religiosa no País. De continuar colaborando para a reflexão e a dinamização das comunidades, e para o permanente processo de refundação da Vida Religiosa. Os artigos publicados neste primeiro número do ano estão escritos nessa perspectiva e desenvolvem temáticas particularmente aptas a alcançar este objetivo.

José Comblin, no seu artigo – “Como viver uma Vida Consagrada numa sociedade injusta?” – faz uma séria interpelação à Vida Religiosa católica ocidental. O artigo situa-se na perspectiva da temática da Campanha da Fraternidade, chamando a atenção para os grandes desafios que a sociedade injusta de hoje coloca para a Vida Religiosa. Para o autor, a dificuldade está não na Vida Religiosa em si, mas nas formas institucionais em que é vivida. Nessa ótica, o autor faz breves e iluminadores comentários sobre o processo de institucionalização pelo qual passa todo carisma fundacional e das graves distorções que esse processo pode acarretar ao longo dos anos. O papel da dinâmica do poder nesse processo é analisado com lucidez, permitindo perceber o quanto interfere na própria vivência dos votos, desvirtuando a sua compreensão e sentido. Diante disto, impõe-se a necessidade de reformas radicais. A história o demonstra. Referindo-se ao momento atual, o autor pergunta: Dentro de tal contexto, como enfrentar o desafio da justiça social? No intuito de ajudar a abrir perspectiva, o texto focaliza especialmente a Vida Religiosa na América Latina e afirma que temos aqui a

sociedade mais desigual do planeta. Depois de traçar o quadro da exclusão no Continente, com suas graves conseqüências, o autor faz a pergunta chave: “Com essas condições, podemos perguntar-nos o que podem fazer os religiosos e as religiosas?” Com grande sentido de realismo, o autor propõe como sugestões algumas possíveis respostas à situação da sociedade atual.

“Identidade do ser religioso” – de João Batista Libanio – é um texto especialmente pro-vocador. Servindo-se do esquema didático dos *modelos*, e alertando para os limites de tal esquema, o autor traça com maestria e lucidez o panorama da Vida Religiosa no momento atual. Trabalha a partir de três modelos: – o exterior, católico tridentino; – o interior, evangélico-reformador; – o sacramental, Vaticano II. De acordo com esses modelos, a Vida Religiosa encontra-se hoje num tríplice movimento: reforço da exterioridade, acomodação na pura intenção interna, busca da síntese entre as duas. Tendo como pano de fundo essa panorâmica, o autor focaliza os principais desafios desestruturantes do ser religioso hoje: – o medo da liberdade e responsabilidade; a perda da consciência histórica; o contexto neoliberal e midiático; a confusão entre vocação e profissão; a faliabilidade do magistério como perda da fonte de garantia. Mas é certamente a terceira parte do artigo – respostas aos desafios – a mais substancial e sugestiva. Nela o autor apresenta pistas concretas e esclarecedoras para enfrentar os desafios atuais.

O artigo de Bernardino Leers – “A convivência de jovens e mais idosos na Vida Religiosa” – constitui uma sábia reflexão sobre essa candente questão da Vida Religiosa de sempre, mas particularmente de

hoje. O texto tem especial mordência porque aborda questões muito práticas e concretas da cotidianidade de religiosos e religiosas, na sua convivência habitual. Para o autor, "a sociedade mundana, com seu ritmo de vida cada vez mais acelerado e a aglomeração mais densa da população, conhece muitas tensões entre jovens e pessoas mais idosas. Conflitos de gerações são frequentes e não param diante das portas das casas de religiosos e religiosas, repercutindo profundamente em seus institutos". Como assumir com lucidez tal situação e

lidar com ela de forma positiva, é o que o artigo pretende ajudar a compreender. Nessa perspectiva, o autor focaliza aspectos realmente nevrálgicos da temática, que constituem para muitos religiosos e religiosas autênticos desafios. Na parte conclusiva do texto, o autor comenta brevemente a afirmação de Jesus: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15,5), lembrando a importância dos laços de fé na construção da comunidade e o papel singular da celebração eucarística como fonte de comunhão fraterna e de dinamismo evangelizador.

**“Paz verdadeira se faz com cada um tendo o suficiente para viver, sem agressões, sem precisar se defender do vizinho ou de quem quer que seja. A melhor defesa é todos se importarem com todos, todos cuidarem de todos,,**



Mensagem de sua santidade João Paulo II  
para a celebração do Dia Mundial da Paz  
1 de janeiro de 2005

**Não te deixes vencer pelo mal.  
Vence antes o mal com o bem.**

1. No início do ano novo, volto a dirigir a minha palavra aos responsáveis das nações e a todos os homens e mulheres de boa vontade, que sentem como é necessário construir a paz no mundo. Escolhi como tema para o Dia Mundial da Paz de 2005 a exortação de São Paulo na Carta aos Romanos: «*Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem*» (12,21). O mal não se derrota com o mal: de fato, por aí, *em vez de vencermos o mal, somos por ele derrotados.*

A perspectiva delineada pelo grande Apóstolo põe em evidência uma verdade fundamental: a paz é o resultado de uma longa e árdua batalha, vencida quando o mal é derrotado com o bem. À vista dos dramáticos cenários de violentos combates fratricidas que têm lugar em várias partes do mundo, diante dos indescritíveis sofrimentos e injustiças que deles derivam, a única opção realmente construtiva é — como sugere ainda São

Paulo — *aborrecer o mal e aderir ao bem* (cf. Rm 12,9).

*A paz é um bem a ser promovido com o bem:* é um bem para as pessoas, as famílias, as nações da terra e toda a humanidade; mas um bem que deve ser conservado e cultivado mediante opções e obras de bem. Compreende-se assim a verdade profunda de outra asserção de Paulo: «*Não torneis a ninguém mal por mal*» (Rm 12,17). O único modo de sair do círculo vicioso do mal pelo mal é acolher a palavra do Apóstolo: «*Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem*» (Rm 12,21).

**O mal, o bem e o amor**

2. Desde as origens, a humanidade conheceu a trágica experiência do mal e procurou encontrar as suas raízes e explicá-lhe as causas. O mal não é uma força anônima que age no mundo devido a mecanismos deterministas e impessoais. O mal passa através da liberdade humana. No cen-

tro do drama do mal e constantemente relacionado com ele está precisamente esta faculdade que distingue o homem dos demais seres vivos sobre a terra. *O mal tem sempre um rosto e um nome*: o rosto e o nome de homens e mulheres que o escolhem livremente. A Sagrada Escritura ensina que, nos inícios da história, Adão e Eva se revoltaram contra Deus e que Abel foi morto pelo irmão Caim (cf. *Gn 3-4*). Foram as primeiras escolhas erradas, às quais se seguiram tantas outras ao longo dos séculos. Cada uma delas traz em si uma *essencial conotação moral*, que implica concretas responsabilidades por parte do sujeito e põe em questão as relações fundamentais da pessoa com Deus, com as outras pessoas e com a criação.

Visto nas suas componentes mais profundas, *o mal é, em última análise, um trágico esquivar-se às exigências do amor*(1). O bem moral, pelo contrário, nasce do amor, manifesta-se como amor e é orientado ao amor. Este argumento é particularmente evidente para o cristão, pois sabe que a participação no único Corpo místico de Cristo coloca-o em particular relação não somente com o Senhor, mas também com os irmãos. A lógica do amor cristão, que no Evangelho constitui o coração palpitante do bem moral, conduz, se levada às últimas conseqüências, até ao amor pelos inimigos: «*Se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber*» (*Rm 12,20*).

## A «gramática» da lei moral universal

3. Contemplando a situação atual do mundo, não se pode deixar de constatar uma impressionante difusão de *numerosas manifestações sociais e políticas do mal*: desde a desordem social à anarquia e à guerra, da injustiça à violência contra o outro e à sua supressão. Para orientar o seu próprio caminho entre as solicitações opostas do bem e do mal, a família humana tem urgente necessidade de valer-se do *patri-mônio comum de valores morais* que o mesmo Deus lhe deu. Por isso, a quantos estão decididos a vencer o mal com o bem, São Paulo convida a *cultivar atitudes nobres e desinteressadas de generosidade e de paz* (cf. *Rm 12,17-21*).

Há dez anos, falando à Assembléia Geral das Nações Unidas a propósito do empenho comum ao serviço da paz, insistiu na referência à «*gramática*» da lei moral universal (2), evocada pela Igreja em muitos dos seus pronunciamentos sobre esta matéria. Inspirando valores e princípios comuns, essa lei une os homens entre si, apesar da diversidade das suas culturas, e é imutável: «*Subsiste sob o fluxo das idéias e dos costumes e está na base do respectivo progresso. [...] Mesmo que se lhe neguem até os princípios, não é possível destruí-la nem tirá-la do coração do homem; ela ressurgue sempre na vida dos indivíduos e das sociedades*»(3).

4. Comum a todos, esta *gramática da lei*

(1) A este respeito, S. Agostinho afirma que «dois amores fundaram duas cidades: o amor de si, levado até ao desprezo de Deus, gerou a cidade terrena; o amor de Deus, levado até ao desprezo de si, gerou a cidade celeste» (*De civitate Dei*, XIV, 28).

(2) Cf. *Discurso no cinquentenário de fundação da ONU* (5 de outubro de 1995), 3: *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 14 de outubro de 1995), 491.

(3) *Catecismo da Igreja Católica*, 1958.

*moral* exige comprometer-se sempre e com responsabilidade para que a vida das pessoas e dos povos seja respeitada e promovida. À sua luz não podem deixar de ser estigmatizados vigorosamente os males de caráter social e político que afligem o mundo, sobretudo provocados pela *eclosão da violência*. Neste contexto, como não pensar no amado *Continente Africano*, onde perduram conflitos que ceifaram e continuam a ceifar milhões de vítimas? Como não evocar a perigosa *situação da Palestina*, a Terra de Jesus, onde não se conseguem enlaçar, na verdade e na justiça, os fios da mútua compreensão rompidos por um conflito que, de dia para dia, atentados e vinganças alimentam de maneira preocupante? E que dizer do trágico fenômeno da *violência terrorista* que parece impelir o mundo inteiro para um futuro de medo e de angústia? Enfim, como não constatar com amargura que o *drama iraquiano* se prolonga, infelizmente, em situações de incerteza e de insegurança para todos?

Para conseguir o bem da paz é necessário afirmar, com consciente lucidez, que a violência é um mal inaceitável e que nunca resolve os problemas. «A violência é uma mentira, porque se opõe à verdade da nossa fé, à verdade da nossa humanidade. A violência destrói o que ambiciona defender: a dignidade, a vida e a liberdade dos seres humanos»(4). Por isso torna-se indispensável promover uma *grande obra educadora das consciências* que forme a todos, sobretudo a novas gerações, para o bem abrindo-

lhes o horizonte do *humanismo integral e solidário* que a Igreja indica e deseja. Sobre estas bases, é possível criar uma ordem social, econômica e política que tenha em conta a dignidade, a liberdade e os direitos fundamentais de cada pessoa.

## O bem da paz e o bem comum

5. Para promover a paz, vencendo o mal com o bem, ocorre dedicar particular atenção ao *bem comum*(5) e suas vertentes sociais e políticas. Com efeito, quando em todos os níveis se cultiva o bem comum, cultiva-se a paz. Poderá, por acaso, a pessoa realizar-se plenamente a si própria prescindindo da sua natureza social, ou seja, do seu ser «com» e «para» os outros? O bem comum diz-lhe diretamente respeito; tem a ver intimamente com todas as formas expressivas da sociabilidade humana: a família, os grupos, as associações, as cidades, as regiões, os Estados, a comunidade dos povos e das nações. *Todos, de alguma forma, estão implicados no compromisso pelo bem comum*, na busca constante do bem dos outros como se fosse o próprio. Uma tal responsabilidade compete de modo particular à autoridade política, em qualquer nível da sua atuação, pois é chamada a criar aquele conjunto de condições sociais que consentem e favorecem, nos seres humanos, o desenvolvimento integral da sua personalidade(6).

O bem comum exige, pois, o respeito e a promoção da pessoa e dos seus direitos

(4)JOÃO PAULO II, *Homilia em Drogheda*, Irlanda (29 de Setembro de 1979), 9: AAS 71 (1979), 1081.

(5)Numa acepção ampla, por *bem comum* entende-se «o conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (CONC. ECUM. VAT. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 26).

(6)Cf. JOÃO XXIII, Carta enc. *Mater et magistra*: AAS 53 (1961), 417.

fundamentais, e bem assim o respeito e a promoção dos direitos das nações numa perspectiva universal. A tal propósito, diz o Concílio Vaticano II: «A interdependência, cada vez mais estreita e progressivamente estendida a todo o mundo, faz com que o bem comum [...] se torne hoje cada vez mais universal e que, por esse motivo, implique direitos e deveres que dizem respeito a todo o gênero humano. Cada grupo deve ter em conta as necessidades e legítimas aspirações dos outros grupos e mesmo o bem comum de toda a família humana»(7). O bem da humanidade inteira, inclusive para as futuras gerações; requer uma verdadeira cooperação internacional, para a qual cada nação deve oferecer a própria colaboração(8).

Contudo, visões decididamente redutoras da realidade humana transformam o bem comum em simples *bem-estar socioeconômico*, privado de qualquer finalização transcendente, e esvaziam-no da sua mais profunda razão de ser. Mas o *bem comum* possui também uma *dimensão transcendente*, porque Deus é o fim último das suas criaturas(9). Além disso, os cristãos sabem que Jesus esclareceu plenamente a realização do verdadeiro bem comum da humanidade. A história avança para Cristo e n'Ele culmina: graças a Ele, por meio d'Ele e em vista d'Ele, toda a realidade humana pode ser levada ao seu pleno acabamento em Deus.

## O bem da paz e o uso dos bens da terra

6. Estando o bem da paz estreitamente ligado ao desenvolvimento de todos os

povos, é indispensável ter em conta as *implicações éticas do uso dos bens da terra*. O Concílio Vaticano II recordou oportunamente que «Deus destinou a terra e tudo o que nela existe ao uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens da criação afluam com equidade às mãos de todos segundo a regra da justiça, inseparável da caridade»(10).

O fato de pertencer à família humana confere a cada pessoa uma espécie de *cidadania mundial*, tornando-a titular de direitos e de deveres, visto que os homens estão unidos por uma *comunhão de origem e de supremo destino*. Basta que uma criança seja concebida para que se torne titular de direitos, mereça atenção e cuidados e alguém tenha o dever de lhos providenciar. A condenação do racismo, a tutela das minorias, a assistência aos prófugos e refugiados, a mobilização da solidariedade internacional em favor de todos os necessitados não passam de aplicações coerentes do princípio da cidadania mundial.

7. O bem da paz deve ser visto hoje em estreita relação com os *novos bens* que provêm do conhecimento científico e do progresso tecnológico. Também eles, por aplicação do princípio do destino universal dos bens da terra, devem *colocar-se ao serviço das necessidades primárias do homem*. Oportunas iniciativas a nível internacional podem dar plena atuação ao princípio do destino universal dos bens, garantindo a todos — indivíduos e nações — as condições básicas para participar no desenvolvimento. Isto tornar-se-á possível se aba-

(7) Const. past. *Gaudium et spes*, 26.

(8) Cf. JOÃO XXIII, Carta enc. *Mater et magistra*: AAS 53 (1961), 421.

(9) Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus*, 41: AAS 83 (1991), 844.

(10) Const. past. *Gaudium et spes*, 69.

terem as barreiras e os monopólios que marginalizam tantos povos(11).

Mais ainda, o bem da paz será melhor garantido se a comunidade internacional assumir, com maior sentido de responsabilidade, aquilo que normalmente é designado por *bens públicos*, ou seja, aqueles bens de que gozam automaticamente todos os cidadãos, mesmo sem terem feito uma concreta opção pelos mesmos. É o caso, a nível nacional, de bens como, por exemplo, o sistema judicial, o sistema de defesa, a rede viária por estrada ou caminho-de-ferro. No mundo atual plenamente atingido pelo fenómeno da globalização, são cada vez mais numerosos os bens públicos que assumem caráter global e, conseqüentemente, aumentam também, de dia para dia, os *interesses comuns*. Basta pensar na luta à pobreza, na busca da paz e da segurança, na preocupação pelas alterações climáticas, no controle do contágio das doenças. A tais interesses, a comunidade internacional deve responder com uma rede sempre mais ampla de acordos jurídicos, capaz de *regular o bom emprego dos bens públicos*, inspirando-se nos princípios universais da equidade e da solidariedade.

8. Além disso, o princípio do destino universal dos bens permite enfrentar adequadamente o *desafio da pobreza*, tendo em conta sobretudo as condições de miséria em que vive ainda um bilião de seres humanos. A comunidade internacional propôs-se como objetivo prioritário, no início do novo milênio, reduzir para me-

tade o número destas pessoas até ao ano 2015. A Igreja apóia e estimula este empenho e convida os fiéis crentes em Cristo a manifestar, de maneira concreta e em todos os âmbitos, um *amor preferencial pelos pobres* (12).

O drama da pobreza está estreitamente ligado também com a questão da *dívida externa dos países pobres*. Não obstante os significativos progressos alcançados até agora, a questão ainda não encontrou uma solução adequada. Transcorreram quinze anos desde quando chamei a atenção da opinião pública para o fato de que a dívida externa dos países pobres «está ligada de maneira estreita com um grande número de outros problemas, tais como o do investimento estrangeiro, do justo funcionamento das maiores organizações internacionais, do preço das matérias-primas, e assim por diante»(13). Os recentes mecanismos para a redução das dívidas, mais preocupados com as exigências dos pobres, melhoraram sem dúvida a qualidade do *crescimento econômico*. Mas este, por uma série de fatores, é ainda quantitativamente insuficiente para se alcançarem os objetivos estabelecidos ao início do milênio. Os países pobres permanecem prisioneiros de um *círculo vicioso*: as baixas rendas e o lento crescimento limitam a poupança e, por sua vez, os fracos investimentos e o uso ineficaz da poupança não favorecem o crescimento.

9. Como afirmou o Papa Paulo VI e eu mesmo reiterei, o único remédio realmente eficaz que permite aos Estados enfren-

(11) Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus*, 35: AAS 83 (1991), 837.

(12) Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 42: AAS 80 (1988), 572.

(13) *Discurso aos participantes na Semana de Estudo da Pontifícia Academia das Ciências* (27 de outubro de 1989), 6: *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 26 de novembro de 1989), 590.

tarem a dramática questão da pobreza é fornecer-lhes os recursos necessários mediante *financiamentos externos* — públicos e privados — concedidos em condições acessíveis, no quadro de relações comerciais internacionais equitativamente reguladas(14). Torna-se imperiosamente necessária uma *mobilização moral e econômica* que seja, por um lado, respeitadora dos acordos assumidos em prol dos países pobres, mas, por outro, disposta a rever os acordos que a experiência tenha demonstrado excessivamente onerosos para certos países. Nesta perspectiva, é recomendável e necessário imprimir um novo impulso à *ajuda pública para o desenvolvimento* e explorar, apesar das dificuldades que este percurso possa apresentar, as propostas de novas formas de financiamento ao desenvolvimento(15). Alguns governos já estão estudando atentamente mecanismos promissores que apontam nesta direção, iniciativas significativas que devem ser levadas por diante de forma autenticamente consertada e no respeito do *princípio de subsidiariedade*. Convém também controlar que a gestão dos recursos econômicos destinados ao desenvolvimento dos países pobres siga escrupulosamente critérios de boa administração, tanto por parte dos doadores como dos destinatários. A Igreja anima e oferece a estes esforços a sua colaboração; basta citar, por exemplo, a preciosa contribuição dada através de numerosas entidades católicas de ajuda e de desenvolvimento.

10. Na Carta apostólica *Novo millennio ineunte* publicada ao concluir o grande Jubileu do ano 2000, mencionei a urgência de uma nova fantasia da caridade(16) para difundir no mundo o Evangelho da esperança. Isto torna-se evidente particularmente quando nos abeiramos dos numerosos e delicados problemas que obstaculizam o desenvolvimento do Continente Africano: vejam-se os numerosos conflitos armados, as pandemias agravadas ainda pelas condições de miséria, a instabilidade política acompanhada por uma generalizada insegurança social. São realidades dramáticas que requerem um caminho radicalmente novo para a África: é necessário dar vida a novas formas de solidariedade, a nível bilateral e multilateral, com um empenho mais decidido de todos, plenamente cientes de que o bem dos povos africanos representa uma condição indispensável para alcançar o bem comum universal.

Possam os povos africanos encarregar-se como protagonistas do seu próprio destino e desenvolvimento cultural, civil, social e econômico! Cesse a África de ser apenas objeto de assistência, para se tornar sujeito responsável de decididos e produtivos intercâmbios! Para se alcançarem tais objetivos, é necessária uma nova cultura política, especialmente no âmbito da cooperação internacional. Desejo afirmar uma vez mais que a falta de cumprimento das reiteradas promessas relativas à *ajuda pública para o desenvolvimento*, a questão ainda aberta da pesada dívida internacio-

(14) Cf. PAULO VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 56-61: AAS 59 (1967), 285-287; JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 33-34: AAS 80 (1988), 557-560.

(15) Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem ao Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz* (5 de julho de 2004): *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 17 de Julho de 2004), 365.

(16) Cf. n. 50: AAS 93 (2001), 303.

nal dos países africanos e a ausência de uma especial consideração para com eles nas relações comerciais internacionais, constituem graves obstáculos para a paz e, portanto, devem ser enfrentados e superados com urgência. Nunca apareceu tão determinante e decisiva como agora, para a realização da paz no mundo, a consciência da dependência entre países ricos e pobres, já que «o desenvolvimento ou se torna comum a todas as partes do mundo, ou então sofre um processo de regressão mesmo nas zonas caracterizadas por um constante progresso»(17).

## Universalidade do mal e esperança cristã

11. Diante de tantos dramas que afligem o mundo, os cristãos confessam com humilde confiança que só Deus torna possível ao homem e aos povos a superação do mal para alcançar o bem. Com a sua morte e ressurreição, Cristo nos redimiu e resgatou «por um grande preço» (1 Cor 6,20; 7,23), alcançando a salvação para todos. Com a sua ajuda, *a todos é possível vencer o mal com o bem.*

Apoiado na certeza de que o mal não prevalecerá, o cristão *cultiva uma indômita esperança*, que o sustenta na promoção da justiça e da paz. Apesar dos pecados pessoais e sociais que se verificam no agir humano, a esperança dá um impulso sempre renovado ao compromisso pela justiça e pela paz, juntamente com uma firme confiança na possibilidade de *construir um mundo melhor.*

Se no mundo está presente e atua o «mistério da iniquidade» (2Ts 2,7), não se deve esquecer que o homem redimido tem em si energias suficientes para contrastá-lo. Criado à imagem de Deus e redimido por Cristo que «Se uniu de certo modo a cada homem»(18), este pode cooperar ativamente para o triunfo do bem. A ação do «Espírito do Senhor enche o universo» (Sb 1,7). Os cristãos, especialmente os fiéis leigos, «não devem esconder esta esperança no seu íntimo, antes, pela contínua conversão e pela luta “contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos do mal” (Ef 6,12), manifestam-na também nas estruturas da vida secular»(19).

12. Nenhum homem, nenhuma mulher de boa vontade pode esquivar-se ao compromisso de lutar para vencer o mal com o bem. É uma batalha que se combate validamente somente com as armas do amor. *Quando o bem vence o mal reina o amor, e onde reina o amor reina a paz.* Tal é o ensinamento do Evangelho reproposto pelo Concílio Vaticano II: «A lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor»(20).

Isto é certo também no âmbito social e político. A este respeito, o Papa Leão XIII escrevia que quantos têm o dever de prover ao bem da paz nas relações entre os povos devem alimentar em si e acender nos outros «a caridade, senhora e rainha de todas as virtudes»(21). Os cristãos sejam testemunhas convictas desta verdade; saibam mostrar com a sua vida

(17)JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 17: AAS 80 (1988), 532.

(18)CONC. ECUM. VAT. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 22.

(19)CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 35.

(20)Const. pást. *Gaudium et spes*, 38.

(21)Carta enc. *Rerum novarum: Acta Leonis XIII*, 11 (1892), 143; cf. BENTO XV, Carta enc. *Pacem Dei*: AAS 12 (1920), 215.

que o amor é a única força capaz de levar à perfeição pessoal e social, o único dinamismo que pode fazer evoluir a história para o bem e a paz.

Neste ano dedicado à Eucaristia, os filhos da Igreja encontrem no supremo Sacramento do amor a fonte de toda a comunhão: comunhão com Jesus Redentor e, n'Ele, com todo o ser humano. É graças à morte e ressurreição de Cristo, tornadas sacramentalmente presentes em cada Celebração Eucarística, que somos salvos do mal e capazes de fazer o bem. Graças à vida nova

que Ele nos deu, podemos reconhecer-nos irmãos para além de toda a diferença de língua, nacionalidade, cultura. Numa palavra, é graças à participação do mesmo Pão e do mesmo Cálice que podemos sentir-nos « família de Deus » e, juntos, contribuir especificamente e eficazmente para a edificação de um mundo baseado nos valores da justiça, da liberdade e da paz.

Vaticano, 8 de dezembro de 2004.

*Joannes Paulus II*

**“Todos, de alguma forma,  
estão implicados no compromisso  
pelo bem comum, na busca  
constante do bem dos outros  
como se fosse o próprio.”**



## 1. Congresso Internacional VC

O Congresso VC convocado e organizado pelas Uniões das/os Superiores/es Gerais – UISG e USG, realizado no final de novembro de 2004, em Roma, foi uma ótima oportunidade para refletirmos sobre a atual situação da vida consagrada e do mundo em mudança epocal, ficando registrado como um marco na caminhada histórica da vida consagrada universal.

**Paixão por Cristo e paixão pela humanidade** – o tema nascido da contemplação de dois ícones bíblicos que motivou e mobilizou as/os congressistas somando num total de 847 participantes procedentes da África (95), Américas (250), Ásia (92), Oceania (16) e da Europa (394) em sua maioria Superiores/es Gerais, Presidentes de Confederações e Conferências Nacionais de Religiosas/os, Teólogas/os, Diretores de Revistas, Religiosas/os jovens e outros convidados.

O **Objetivo** proposto pelo Congresso, desafiou as/os participantes a: **reconhecer** a ação inovadora do Espírito – **discernir e articular** respostas somando forças ante os desafios do nosso tempo e assim

construirmos o Reino de Deus com renovada paixão por Cristo e pela humanidade.

**Discernir** o novo que está surgindo entre nós, VC, ou que está por nascer – para onde nos conduz o Senhor e como somos chamadas/os a responder aos novos caminhos.

O Instrumento de Trabalho conhecido anteriormente, contribuiu para uma maior aproximação do tema, favorecendo um clima de diálogo e de intercâmbios significativos.

A metodologia utilizada priorizou o aspecto experiência, dando início a um processo que pouco a pouco foi envolvendo todos os participantes provenientes de diversas regiões, contextos socioculturais, econômicos, políticos e eclesiais, enriquecendo a partilha, a reflexão e o discernimento, urgindo-nos a perceber a gravidade do momento e a corresponsabilidade com o presente e futuro da VC e da humanidade.

As Conferências pronunciadas durante o Congresso, exerceram papel iluminador e estimularam as/os participantes reunidos ao redor de mesas, a avançar na reflexão e no debate. Merece destaque a pales-

tra proposta como ponto de partida e intitulada: **“Buscadoras/es de Poços e Caminhos”** – contemplação, escuta e partilha do Tema a partir dos dois ícones, o da Samaritana junto ao poço de Sicar (Jo 4,4-43) e o do Samaritano na descida de Jerusalém a Jericó (Lc. 10,25-37).

*Paixão por Cristo* – uma VC mística, nutrida pela Palavra, percorre o caminho da dignidade de toda pessoa humana e torna-se expressão viva do amor apaixonado de Jesus pela humanidade de todos os tempos.

*Paixão pela humanidade* – profecia que se faz mãos e serviço compassivos. A exemplo do Samaritano, a VC hoje é urgida a descer do seu cavalo para colocar-se solidária e coerente em sua opção preferencial pelos pobres. A experiência mística e a postura profética permitem um olhar aberto, amoroso e compassivo para o próximo que cai nas mãos dos salteadores.

O Congresso foi particularmente um tempo forte de escuta e discernimento da figura cambiante da VC – “vinho novo em odres novos”.

Merecem destaque as discussões por continente sobre os impactos da globalização

para a vida consagrada e o relatório final apresentado ao plenário oferecendo uma visão panorâmica global da VC no mundo.

**Grupos Temáticos:** Formação de grupos por temas de interesse que tocam de perto a VC hoje. Cada participante pode se inscrever num dos 15 temas propostos que, no seu conjunto sinalizam o caminho a percorrer. Das sínteses trabalhadas nos mini-plenários e apresentadas à assembléia, surgiram convicções e pistas de ação.

Asseguramos que o congresso foi um tempo forte do Espírito e suas implicações e exigências continuam nos convocando. Podemos nos considerar agraciadas/os pela riqueza da reflexão bíblico-teológica-espiritual que nos é oferecida pelas diferentes instâncias de animação da VC.

*“Testemunho, Profecia e Esperança”* fazem a Vida Religiosa no Brasil, através do ícone da Tenda, perceber-se itinerante, centrada e fortalecida em Jesus, no frágil caminho que o momento atual propõe à Vida.

*Ir. Maris Bolzan, SDS*  
Presidente Nacional da CRB

**“Asseguramos que o congresso foi um tempo forte do Espírito e suas implicações e exigências continuam nos convocando.”**

## 2. Campanha da Fraternidade 2005

Com o desafio de ajudar a superar a violência, um dos maiores problemas da atualidade, promover a solidariedade e construir uma cultura de paz, a CNBB, em parceria com o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), traz como tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2005 (CF-2005) “Solidariedade e Paz” e o lema “Felizes os que promovem a Paz”. O lançamento oficial da CF é na Quarta-Feira de Cinzas, dia 9 de fevereiro. Este ano, a novidade está na realização da segunda Campanha Ecumênica, que une cristãos de diferentes Igrejas. A primeira aconteceu em 2000 com o tema “Dignidade humana e paz” e o lema “Novo milênio sem exclusões” e mobilizou fiéis das sete Igrejas do CONIC. Uma das ações concretas da CF-2005 é a Coleta Ecumênica da Solidariedade, que destinará recursos para projetos ligados a temas como paz, cidadania, direitos humanos, combate à violência e inclusão social. A coleta é realizada no Domingo de Ramos, este ano dia 20 de março.

Na apresentação que fez da Campanha, o Secretário Geral da CNBB – Dom Odilo Pedro Scherer Bispo Auxiliar de São Paulo, diz o seguinte:

A Campanha da Fraternidade de 2005 (CF), com o tema *solidariedade e paz* e o lema *felizes os que promovem a paz*, é uma iniciativa ecumênica do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), do qual também a Igreja Católica faz parte.

Não é uma ação sobre o ecumenismo, como poderia parecer, mas uma “união ecumênica de esforços” em prol da superação da violência e da construção da paz. Certamente não faltará o fruto positivo para o ecumenismo quando as Igrejas valorizam aquilo que as une, mais que aquilo que as separa.

São três os principais aspectos envolvidos na CF de 2005: a violência, a solidariedade e a paz. No Brasil e no mundo inteiro há muitos tipos de violência. Só em 2002, no Brasil, houve cerca de 40 mil mortes por arma de fogo! Há violência na família, nas relações sociais, nas ações de indivíduos ou grupos do crime organizado; e há muita violência nas relações internacionais, nas guerras e no terrorismo. O resultado disso tudo é a insegurança crescente, a construção de barreiras e muros, o ódio, a busca de vingança, tanto sofrimento e a perda da paz.

No entanto, o ser humano não foi feito para isso e deseja a paz. O uso da força e a escalada da violência nunca serão capazes de assegurar a paz. É necessário empenhar muito esforço e boa vontade na superação da lógica da violência, mediante o diálogo e o recurso a meios não-violentos para a solução de conflitos. Evidentemente, sem justiça, não haverá paz; e uma justiça imposta pela força também não traz paz: esta precisa ser promovida e assegurada mediante uma verdadeira cultura da paz, orientada pela renúncia consciente e sistemática a todo tipo de violência e pelo estabelecimento de relações respeitadas e fra-

ternas entre as pessoas. E isso começa no convívio familiar e na educação à infância e à adolescência. A educação é um poderoso meio para formar pessoas violentas, ou promotoras da paz.

Se, por um lado, a construção da paz é tarefa de cada pessoa, por outro, ela também depende de um esforço solidário. A solidariedade está implicada no fato de sermos todos parte da mesma e única família humana; todos, fundamentalmente, têm dignidade e direitos iguais e estão ligados uns aos outros por laços profundos e incindíveis. A sorte de uns é também a sorte dos outros: estamos todos no mesmo barco.

Certamente existe a possibilidade de levar vida não-solidária, afirmando privilégios e impondo-se pela força aos mais fracos. No entanto, a solidariedade é a atitude sábia, eticamente correta e humanamente digna que, de fato, é coerente com a natureza e a condição humana. A cultura solidária promove o reconhecimento da dignidade e do direito de cada pessoa; orienta-se pela fraternidade, a compaixão e a generosidade. O contrário disso é a atitude individualista e a auto-afirmação pela força, cujas conseqüências são as injustiças, a

violência e a perda da paz. É voltar à lei da selva e negar as conquistas da civilização.

As Igrejas cristãs, orientadas pelo exemplo e o ensinamento de Jesus, precisam, sempre mais, testemunhar e promover a verdadeira solidariedade. Somos todos discípulos do único Mestre, filhas e filhos do mesmo Pai celeste, irmãs e irmãos de todos os seres humanos, que devemos amar como Jesus amou: "amai-vos, como eu vos amei". Num mundo marcado por discórdias e violências, somos chamados a dar este testemunho "ecumênico" de fraternidade e de promoção da cultura impregnada de solidariedade.

A cultura orientada por valores e atitudes solidárias está acima das religiões e é um bem para toda a sociedade; por isso a CF, ao mesmo tempo que apela à conversão daqueles que crêem em Jesus Cristo e em Deus, propõe a união de esforços de todas as pessoas, não importando as suas convicções religiosas, no esforço de purificação e conversão da cultura e das estruturas e organizações da convivência humana, para a superação da violência e a construção de uma cultura de paz.

*Extraído de Notícias da CNBB*

**“A educação é um poderoso meio para formar pessoas violentas, ou promotoras da paz.”**

# 3. Informes sobre o V fórum social mundial

Porto Alegre, 26 a 31/01/2005

A CRB Nacional participou do FÓRUM, integrando-se à rede de entidades que buscam alternativas, visando a construção de um "OUTRO MUNDO POSSÍVEL", um mundo fundado na justiça, na igualdade e na paz, onde a pessoa seja o centro das relações.

Durante o Fórum Social, no dia 29, a CRB Nacional realizou um Seminário com o tema: **A contribuição da Vida religi-**

**osa na construção de um "outro mundo possível"**, com o objetivo de articular forças e somar na grande rede de solidariedade, visibilizando o testemunho Profético da Vida religiosa. Para isso contou com a assessoria de Ir. Ana Roy AS, e a apresentação de alguns projetos sociais voltados para a defesa e promoção da vida que, atualmente, vêm sendo assumidos pelas religiosas e religiosos do Brasil.

## 3.1. A presença e o lugar das espiritualidades no FSM

FAUSTINO TEIXEIRA

O tema da cultura da paz esteve presente com grande força na marcha de abertura do Fórum Social Mundial, com os tambores que anunciavam a esperança de um mundo novo. Foi uma festa da democracia, da indignação, da luta e da esperança. Os protestos estavam estampados nas faixas, nas vestimentas, no ritmo do olhar. Uma revolta que estava calada no peito e agora ganhava expressão nas vozes roucas, nos refrões e cantos de jovens, crianças e adultos. Mas a marcha expressava igualmente uma expansividade lúdica, sobretudo dos jovens, marcada pelo toque de alegria, de humanidade, e que recuperava o sonho fundamental de esperança num outro mundo possível. Um destaque particular para as mulheres e sua dinâmica de organização. Nas faixas e bandeiras de todos os tamanhos e cores, a presença de um

tema comum: a dos direitos humanos, a preservação da terra, a defesa dos excluídos da globalização, dos sem casa, dos palestinos e afegãos e a indignação contra a guerra. Uma das faixas expressava com vigor a esperança que é de todos: "Não se chegará jamais à paz com um mundo dividido entre a abundância e a miséria". Diversas tradições religiosas estiveram também presentes, em pontos diversificados da marcha, espalhando a fragrância de um sonho numa sociedade distinta, de afirmação da vida, de solidariedade, hospitalidade, compaixão e paz. Algumas presenças religiosas ensolaradas enriqueciam a caminhada, como a monja Coen, que com sua simpatia contaminava a todos de alegria por onde passava, suscitando a admiração, o carinho fraterno e a sintonia de coração.

Mesmo havendo um espaço temático

específico para os relatos, experiências e reflexões em torno do eixo da espiritualidade, o que se verifica neste Fórum é a irradiação desta questão pelos outros espaços, o que dificulta a apreensão de todas as riquezas que estão sendo partilhadas. O que se pode fazer é simplesmente relatar alguns sinais que estão sendo gestados. No segundo dia de atividades do espaço temático k, pode-se sublinhar a riqueza de algumas oficinas que envolveram experiências relacionadas ao budismo brasileiro. Numa delas estiveram presentes o mestre zen japonês Daigyo Moriyama Roshì (responsável pelo Via Zen de Porto Alegre), a monja Coen (primaz fundadora da comunidade zen budista em São Paulo), o lama Padma Samten (criador do Centro de Estudos Budistas Bodisatva de Porto Alegre) e o professor Petruccio. Nas discussões apontava-se o desafio apresentado pelo budismo ao novo mundo possível. Havia uma coincidência de opinião entre os debatedores: diante de um mundo marcado pela crise de sustentabilidade, torna-se imprescindível a mudança de referencial e a mudança das práticas sociais. Na visão do Lama Samten, em entrevista concedida, a paisagem econômica é importante, mas estreita, devendo ser ampliada por uma visão mais humana. Ela não pode ser a utopia, mas uma visão particular que deve ganhar continuidade numa dimensão mais elevada onde se trabalha o coração e vive-se o desafio de uma mudança pessoal. É deste celeiro que nascem as relações positivas com os outros e os gestos de solidariedade, compaixão e inclusão. Em direção semelhante foi a reflexão de monja Coen, que enfatizou a importância de uma dinâmica vital pontuada pela meditação. É ela a fonte incan-

sável de sabedoria, que torna homens e mulheres mais amorosos e ternos. Enfatizou com serenidade que a meditação é a porta de entrada para a compreensão da mente humana e o caminho para o trabalho interior em favor da afirmação de um sujeito capaz de se dedicar ao empenho em favor da paz. Este trabalho no âmbito da interioridade não significa isenção de compromisso com as causas sociais, mas é a fonte segura para um compromisso sustentado interiormente: "Para resolver os problemas do mundo, eu tento estar num espaço onde eu possa vê-los com clareza, e para vê-los com clareza precisamos de pausas para as preces, que a oração e a meditação nos proporciona".

Em outra oficina realizada no mesmo dia, tratou-se o tema do budismo e a transformação social. Numa platéia repleta de jovens atentos e sedentos, monja Coen abriu espaço para que todos pudessem relatar sua compreensão de mudança social, bem como suas indagações e questões. A dinâmica foi circular, e dela também participou a ativista social americana, Eve Marko Sensei, que atua na Peacemaker, uma organização dedicada a unir, treinar e realizar atividades sociais de base espiritual e operadores de paz de todo o mundo. Ao final da oficina, que foi ganhando cada vez mais adesão de participantes, realizou-se uma experiência de meditação andando nos trajetos do espaço temático k.

Outras atividades aconteceram ao longo do dia no mesmo espaço temático, registrando a presença de um grande número de pessoas interessadas em captar as energias espirituais e as novas cosmovisões, que pelo que se pôde perceber, estão sempre entrelaçadas com o compromisso ético de

transformação do mundo. Um rico significado expressa a inserção desta temática nesta edição do Fórum Social Mundial, reconhecendo no âmbito oficial a presença de uma força ecumênica e inter-religiosa que se liga ao sonho comum em favor de um outro mundo. O Fórum, na opinião de José Ovídio Waldemar, membro da organização Via Zen, veio atender a uma demanda crescente, presente desde os Fóruns anteriores, em favor de uma maior visibilidade da espiritualidade. Os caminhos da

espiritualidade autêntica, ao contrário do que muitos pensam, não levam ao desinteresse social e ao descompromisso, como se fosse ópio do povo, mas são fermentos renovadores e imprescindíveis para a integralização do humano. Não pode haver libertação sem espírito.

---

Faustino Teixeira é professor de Teologia das Religiões na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da mesma universidade.

## 3.2. Notas para um balanço futuro

MARCOS ROLIM

1) O Fórum Social Mundial é a mais importante e representativa esfera pública de nossa época. Não há qualquer outro espaço de participação popular que rivalize com ele, nem qualquer movimento ou articulação política que o substitua. O FSM fascina porque não está submetido à lógica do mercado; mas também porque não reproduz a lógica da política nas democracias ocidentais. Ele é algo “fora de lugar”, que escapa às definições e que surpreende a cada momento.

2) Se olharmos para o Fórum a partir de um modelo de organização ou de uma determinada plataforma doutrinária, só veremos uma caricatura. A imagem que projetamos, entretanto, não é idêntica ao Fórum e a caricatura talvez seja apenas a nossa caricatura. Deveríamos, então, antes de tentar submeter o Fórum aos nossos “modelos”, refletir se a recusa de escutar o que o Fórum pode nos dizer não expressa uma posição conservadora ou, pior, uma posição autoritária.

3) Quando tratamos da luta pelos Direitos Humanos, estas considerações passam a ser muito importantes porque compreendemos que a diferença, a liberdade e a autonomia são valores fundamentais sem os quais não há indivíduo (logo não há “coletivos”, porque coletivos sem indivíduos são manadas, tropas, bandos, etc.).

4) O eixo temático que concentrou temas em Direitos Humanos foi, de longe, o que propiciou o maior número de atividades no FSM 2005. Mas discutiu-se muito sobre Direitos Humanos em oficinas de outros grupos temáticos. Assim, por exemplo, temas como os direitos reprodutivos das mulheres, a luta contra o racismo ou o movimento mundial pelo desarmamento - que haviam sido previamente “lotados” em outros eixos temáticos - aglutinaram muito interesse. O trabalho realizado em torno da luta pelos Direitos Humanos só se fortaleceu neste Fórum. Muitas experiências foram trocadas, campanhas conjuntas fo-

ram agendadas, mobilizações internacionais passaram a ocorrer, etc... Ao lado de temas "clássicos" que já estiveram presentes com força em outros Fóruns, o 5º FSM revelou temas emergentes tais como a violência policial, violência doméstica sobre as crianças, reforma penitenciária, Justiça Restaurativa, entre muitos outros.

5) Além da oposição da direita mais conservadora que sempre atacou o FSM como uma articulação estreita, intolerante e vocacionada ao "pensamento único" (exatamente tudo aquilo que ele não é), há agora, explicitamente, uma esquerda que não gosta do Fórum. Ela o acusa de ser "despolitizado", de curvar-se a uma lógica "autonomista" ou "espontaneísta". Um Fórum sem centralidade, que não aprova resoluções, nem define iniciativas práticas, não irá colher resultados, é o que nos diz esta crítica.

6) O que essa esquerda gostaria é que o FSM fosse uma espécie de V Internacional. Congressos mundiais, teses doutrinárias, discursos sempre iguais, votações para confirmar o que já foi decidido antes, cizânias e acusações de traição para todos os lados. Felizmente, o FSM não tem nada a ver com isso. Aliás, ele só existe e só alcançou a dimensão

internacional que tem exatamente por não mimetizar as organizações de esquerda.

7) O que as milhares de atividades realizadas no FSM parecem evidenciar é que há cada vez mais interesse e disposição de luta em torno de propostas de políticas públicas e de ação concreta em cada tema discutido. Os ativistas que integram o FSM, em sua grande maioria, estão dedicando-se a projetos com os quais interferem em realidades concretas e mudam a vida de pessoas concretas. Isso lhes parece muito mais importante e produtivo do que cantar refrões contra o imperialismo ou xingar qualquer governo. Há uma revolução aqui, mas não aquela preconizada pelos manuais do marxismo. Para além do barulho feito pelos grupos ditos "radicais" que seguem apaixonados por suas doutrinas enquanto repetem as palavras de ordem cantadas pelos seus avós, há uma multidão de lutadores que dedicam o melhor de suas energias às pessoas que sofrem. Não há notícia melhor neste início de século.

---

Marcos Rolim é jornalista, atua como consultor em Segurança Pública e Direitos Humanos; ex-deputado federal pelo PT do Rio Grande do Sul.

**“Não se chegará jamais à paz  
com um mundo dividido entre a  
abundância e a miséria”**

## Como viver uma vida consagrada numa sociedade injusta?

JOSÉ COMBLIN

O que me foi pedido foi que apresentasse algumas idéias para refletir sobre a vida consagrada em meio às injustiças sociais. Entendi que se tratava da vida consagrada dentro da Igreja católica. Pois a vida consagrada ou religiosa não é o próprio da Igreja católica. Ela existe em outras religiões e há orientações básicas que se acham em todas as religiões. Aqui vamos falar da vida consagrada na Igreja católica. Podemos acrescentar uma determinação: contemplamos a Igreja católica ocidental ou romana, pois a situação da vida monástica das Igrejas orientais parece diferente, dada a evolução cultural diferente.

Também entendi que se tratava não da vida consagrada em si, mas da vida consagrada tal como ela existe atualmente nas instituições reconhecidas pela autoridade eclesiástica, numa palavra, tal como é vivida nas Ordens e congregações religiosas (ou Institutos assimilados). Pois há muitas pessoas que vivem uma vida consagrada a título pessoal sem serem reconhecidas pela Igreja e que não querem ser enqua-

dradas por um reconhecimento oficial. Aqui vamos falar das Ordens e congregações e das pessoas que são membros dessas associações.

O que mais chama a atenção é que a maioria dos problemas não se deve à vida consagrada ou religiosa em si mesma, mas às instituições dentro das quais ela está incorporada. O problema não é a vida consagrada: o problema é a instituição. Os religiosos sofrem as mesmas dificuldades de todos os católicos: o problema não é o cristianismo, o problema é a instituição eclesiástica que é o resultado de 2000 anos de história acumulada. Como a Igreja católica, os institutos religiosos parecem prisioneiros do seu passado. Não conseguem desfazer-se das estruturas construídas no passado.

Muitos religiosos sentem um conflito entre as aspirações pessoais e as estruturas em que estão vivendo a sua vocação. Com razão ou sem razão, sentem-se como reprimidos pela estrutura, ou, pelo menos, não se sentem movidos para realizar de modo concreto a sua aspiração pessoal. Sentem-

se como limitados pelas tarefas que lhes impõe a instituição. Às vezes eles têm a impressão de que são como os funcionários da instituição e que a sua vocação pessoal se apaga diante das necessidades e das prioridades da instituição. Então o problema é a instituição. Isto seria particularmente agudo no caso da referência aos problemas sociais, ou seja, à situação do instituto no meio da situação de injustiça social em que estamos vivendo. Precisamos ver o que acontece com as instituições da vida religiosa.

Em primeiro lugar qualquer instituição tende a se considerar como o centro do mundo e o valor absoluto que se impõe como prioridade aos seus membros. Ora, assim como a Igreja católica como instituição, as suas dioceses e as suas paróquias, as instituições religiosas vivem como se estivessem acima do mundo, acima dos problemas sociais. Achrom que podem julgar o mundo porque não se sentem responsáveis pelo que está acontecendo no mundo. Há pecado no mundo, mas eles não se sentem culpados, o que lhes permite denunciar alegremente os pecados do mundo, ou seja, os pecados dos outros. Assim a Igreja reconhece que muitos dos seus membros erraram e pecaram, mas ela nunca pecou nem errou. As instituições religiosas acham-se inocentes. Elas não têm parte no pecado do mundo.

As instituições religiosas têm um discurso bonito e se julgam meritórias porque se julgam pelo seu discurso. Da mesma maneira a Igreja sente-se inocente das injustiças do mundo porque tem a doutrina social da Igreja que condena todos os pecados, e a Igreja julga-se a partir do seu discurso e não a partir daquilo que ela faz no concreto da história.

Toda instituição tem a sua dinâmica de poder. Tende a crescer, a adquirir mais força, mais membros, mais prestígio social, mais recursos, mais visibilidade. Esta tendência pode ser inconsciente, mas habitualmente ela se torna visível no comportamento dos seus dirigentes ou dos seus membros. O fundador pode ser santo. Depois dele vem um sucessor, e outro sucessor. Se o primeiro sucessor não entra na dinâmica do poder, será o segundo. Às vezes sabemos agora que pode ser o próprio fundador que busque o poder, já que foi canonizado o fundador do Opus Dei. A dinâmica de poder é mais perigosa nas instituições religiosas do que nas outras porque o poder se esconde por trás da glória de Deus. Riqueza, fama, favores e privilégios, poder e riqueza, supostamente tudo isso pertence a Deus. No entanto quem goza desses privilégios não é o próprio Deus, mas aqueles que se dizem os seus servidores. O argumento de Deus justifica tudo. Ora na conquista do poder, é difícil não entrar em relações de cumplicidade com aquelas pessoas ou aquelas instituições que geram a injustiça do mundo e a mantêm.

Quando os religiosos recebem dinheiro, nem sempre procuram saber donde vem esse dinheiro. Quando recebem terras, não procuram saber a origem da propriedade dessa terra. Quando recebem privilégios dos poderosos, condenam-se a um silêncio respeitoso sobre as injustiças cometidas. A dinâmica do poder inclui muitas concessões, muitos silêncios, muitas covardias.

A dinâmica do poder ameaça particularmente as instituições religiosas porque os chamados votos religiosos a favorecem notavelmente. Graças ao voto de castidade, as instituições podem contar com uma

mão-de-obra barata. Isto valeu sobretudo para as mulheres. O voto de pobreza permite manter os membros na pobreza de tal modo que a instituição possa acumular mais riquezas do que se não existisse o voto de pobreza. O voto de obediência permite conseguir dos membros que se dediquem aos trabalhos mais rentáveis para a instituição. Todos os membros se submetem à programação feita pela instituição como se ela viesse de Deus. Todo protesto está excluído, o que é uma situação ideal para qualquer empresa. Tudo o que a instituição decide é atribuído a Deus e Deus nunca protesta. Desta maneira os votos podem ser desvirtuados, consciente ou inconscientemente, e não somente podem ser desvirtuados como o são ou o foram frequentemente na história.

As instituições sentem-se insultadas quando se lhes lembra que são instituições humanas, sujeitas a todas as leis das instituições. Elas se julgam pelo seu discurso bonito e não sabem o que fazem, ou melhor dito, não querem saber o que fazem. Acham que qualquer crítica feita aos seus comportamentos é blasfêmia, ofensa feita a Deus e inspirada pelo espírito das trevas que quer destruir a Igreja.

A história mostra que todas as instituições religiosas passaram por reformas radicais. Aquelas que demoraram demais, acabaram desaparecendo. Depois de 100 anos, uma reforma já é urgente, dizia o P. Hostie.

O que acabamos de dizer, vale em todos os tempos e de modo geral. Na atualidade, as circunstâncias têm alguns elementos específicos. Há 40 anos houve o Concílio Vaticano II. O Concílio pediu que as instituições religiosas fizessem elas próprias as reformas necessárias. Supunha que as ins-

tituições são capazes de reformar-se a si mesmas por mecanismos institucionais. Os capítulos e outras formalidades institucionais poderiam ser os agentes das transformações necessárias.

Era muita ingenuidade. Aliás a ingenuidade foi uma das características desse Concílio que entregou a aplicação das reformas conciliares à Cúria romana que era o seu maior inimigo. Deu no que deu. Da mesma maneira, o sistema jurídico das Ordens e congregações religiosas foi tomado como instrumento das reformas da vida religiosa. Deu no que deu. Não é assim que a humanidade caminha, nunca foi assim na história.

Depois do Concílio, houve inúmeras reuniões, assembleias, seminários, capítulos e outras formalidades jurídicas. Foram feitos milhões de discursos e impressas milhões de páginas. Foi cortada uma floresta inteira para dar tanto papel impresso. E tudo foi em vão. Multiplicaram-se as boas intenções, mas sempre se chegou a conclusões ambíguas que queriam dar satisfação a todos e não davam satisfação a ninguém. Eram sempre semimedidas, apelos para a boa vontade e declarações de intenções sem efeito real. Os que queriam mudanças estavam frustrados porque não se avançou. Os que queriam evitar as mudanças ficavam aterrorizados porque temiam que algo mudasse realmente. Afinal não se realizaram reformas profundas. As mudanças exteriores significavam simplesmente uma adaptação ao modo de vida moderna, mas não eram uma mudança real da vida religiosa. A consequência está aí visível. Na Europa a vida consagrada se extingue e na América Latina ela se desenvolve somente naquelas instituições que constituem um gueto que as protege do contato com a sociedade.

Na América Latina, houve uma história específica. Depois da primeira geração de missionários, durante toda a época da Colômbia os religiosos e as religiosas estiveram totalmente integrados na sociedade colonial, pertencendo à estrutura colonial imposta aos indígenas e aos escravos africanos, assim como aos camponeses pobres procedentes da mestiçagem. Tiveram as suas fazendas, os seus escravos e todos os privilégios concedidos pela Coroa. Edificaram templos magníficos e riquíssimos, conventos imensos onde podiam viver até 200 frades. Tudo isso constitui hoje em dia uma herança pesada. O peso é material e sobretudo psicológico. Essa herança da posição privilegiada dos religiosos continua sendo um compromisso com as classes poderosas. Como libertar-se de tal herança?

É verdade que a maioria dos religiosos e das religiosas pertencem a institutos que chegaram na segunda metade do século XIX ou na primeira metade do século XX. Ora, estes institutos trouxeram da Europa ou da América do Norte toda uma estrutura feita. Não havia nada para inventar, criar. Estes institutos vieram para as classes burguesas das cidades. Na prática estiveram a serviço da classe dominante. Prestaram-lhes serviços valiosos. Toda esta vida consagrada não surgiu dos povos a partir dos desafios desses povos. Não nasceram do povo real, mestiço, negro, indígena. Foram estruturas implantadas que durante muito tempo nem sequer perceberam o que era a realidade dos seus países. Tudo foi uma importação. As classes dirigentes queriam exatamente isso: a importação de uma cultura européia. Agora as novas gerações devem assumir essa herança.

Chegou a geração de Medellín. Alguns

religiosos estiveram liderando o compromisso com os pobres, o que recebeu o nome de opção pelos pobres. Fizeram-no mais a título pessoal. Não representavam o seu instituto. Habitualmente eram considerados como marginais, exceções toleradas antes do que promovidas. Não se pode dizer que as Ordens e as congregações religiosas como instituições tenham feito a opção pelos pobres. Perderam uma oportunidade histórica, mas dada a situação histórica não se podia pensar em outra coisa. Todos e todas ou quase dependiam de burocracias situadas na Europa ou na América do Norte e nenhuma força no mundo teria sido capaz de mudar essas burocracias religiosas.

As burocracias vivem da ambigüidade. Esses institutos não tinham nascido na América Latina e não tinham as suas cabeças aqui, nem sequer as suas burocracias.

Não há reforma sem ruptura com um presente que seja prisioneiro do seu passado. Toda reforma é feita por pessoas novas, começando coisas novas. Esta ruptura se realiza com o consentimento da Ordem que deixa plena liberdade ou por uma fundação nova, ou pelo retorno na Ordem depois de ter estado numa experiência fora como no caso de S. Teresa. Foi o que não aconteceu depois do Concílio salvo algumas experiências locais bastante limitadas. Preferiram a ambigüidade que permite continuar como sempre dando a impressão de mudar.

Hoje em dia, depois de 25 anos do pontificado de João Paulo II que deu prioridade aos "movimentos" e às novas instituições religiosas fundamentalistas, a Igreja romana parece ter escolhido a solução do gueto. Pode-se esperar que os religiosos e as religiosas sejam aspirados por esse fundamentalismo e absorvidos no gueto. O

marketing promete muito. Os institutos que têm muitas vocações são os fundamentalistas. Ora esses institutos são alérgicos a qualquer problema social.

Globalmente esta é a situação atual e os institutos estão numa encruzilhada. Dentro de tal contexto, como enfrentar o desafio da justiça social?

Há muitas injustiças na sociedade atual. Mas todas juntas procedem de uma injustiça básica, estrutural, que é a injustiça cometida contra dos excluídos. Como a evolução do mundo ocidental produziu nos últimos 30 anos a nova classe dos excluídos, em que consiste essa classe nova, tudo isso já foi descrito em muitos livros e inúmeros artigos. Não precisa repetir aqui o que todos já sabem.

Na América latina temos a sociedade mais desigual do planeta. Há uma minoria variável de acordo com os países que são os incluídos. São todas as pessoas que participam da nova sociedade: estudam, são qualificados, trabalham, têm boas condições de vida, construíram cidades ou porções de cidades em que se pode imaginar que se está em Miami ou na Côte d'Azur. Estão integrados na economia: produzem e consomem. O seu nível de consumo compara-se com o nível nos países mais desenvolvidos. Digamos que no Brasil eles constituem um mundo de 50 milhões de consumidores. Nem todos são igualmente ricos, mas todos participam do desenvolvimento da economia. São os consumidores da nova economia.

Frente a essa minoria incluída, existe uma massa de excluídos: receberam uma educação que não os prepara para nada, vivem em condições materiais que não permitem um desenvolvimento realmente

humano, dispõem de serviços de saúde precários, vivem em condições de moradia, alimentação, transporte que tornam a vida difícil. Vivem numa insegurança material e psicológica. No meio dos excluídos, a antiga cultura da pobreza, cultura camponesa ou operária está se apagando, os laços sociais dissolvem-se.

O pior dos excluídos é o sentimento da impotência e da inutilidade. Os operários têm o orgulho de trabalhar e produzir. Os camponeses têm o orgulho de plantar e colher. Os excluídos nem produzem, nem consomem, mas sobrevivem com muito pouco. Sucede uma desumanização muito grave e muitas vezes irreversível. São muito frágeis. Muitas vezes encontram uma solução nas religiões pentecostais que oferecem saúde e prosperidade ainda que seja em grande parte uma ilusão. Mas é melhor viver nessa ilusão do que ficar sem nada. Sem dúvida as igrejas pentecostais prestam um grande serviço social, dada a ausência da Igreja católica.

Esta forma de pobreza sempre existiu nas grandes cidades. Formam o que Marx chamava de "lumpenproletariat". Ele nada esperava desse proletariado a não ser atos de revolta e de destruição inútil. Mas essa classe nunca atingiu o tamanho que alcançou agora. Nas cidades menores, a inclusão é mais fácil, porque é mais fácil achar pequenos serviços. Mas nas grandes cidades, a saída é muito mais difícil. As mulheres resistem mais e praticamente sustentam a sociedade. Os homens são mais destroçados, mais desintegrados, mais desesperados e cedem mais facilmente aos vícios: bebida, drogas, violência, roubo.

No meio dessa miséria sempre há vida. O instinto de vida é mais forte e renova uma

esperança. Há no meio desse caos homens e mulheres de alta qualidade, de sentimentos humanos elevados. Há no povo que mora na rua poetas e artistas e há verdadeiros santos. São aqueles e aquelas que conseguiram superar a sua condição, as suas frustrações e ilusões e simplesmente vivem de amor e de virtude, de paciência e de teimosia.

Entre esses dois mundos há uma distância imensa. São dois mundos que não se conhecem, porque têm apenas contatos muito superficiais: o motorista do carro que encontra um rapaz limpando o pára-brisa do seu carro quando o semáforo está vermelho. O outro rapaz que guarda o carro quando o dono está num restaurante. O camelô na rua. Eles não se encontram fisicamente. Mas também não se encontram mentalmente. Falam duas línguas portuguesas diferentes. O pobre desliga a TV no momento das informações porque não entende nada, salvo os crimes e os acidentes na estrada. O vocabulário é diferente. O estilo é diferente. A gramática é diferente e sobretudo a maneira de falar é diferente.

Os excluídos ignoram o mundo da burguesia, a não ser pelas novelas. Mas as novelas pertencem a um mundo imaginário. Cumprem hoje a função dos contos de fadas dos tempos antigos. Estão evoluindo num mundo de fantasia.

Os incluídos ignoram o modo de viver dos excluídos. É só pensar nesse mundo, e já ficam com medo. Acham que os excluídos são revoltados, rebeldes, frustrados que aguardam uma circunstância favorável para destruir, ameaçar e matar. Acham que são ninhos de terroristas. E as atuais campanhas dos Estados Unidos têm por efeito criar um sentimento de pânico diante do mundo dos excluídos no mundo inteiro e em

cada país. Bush está criando o medo dos pobres a nível universal. Está designando os pobres e os excluídos do mundo como o perigo para a civilização. Está anunciando uma repressão implacável contra dos pobres do mundo. Pois o pânico leva a ações descontroladas.

Há muitos discursos sobre a pobreza nos congressos, nos seminários, nos encontros, nas declarações dos chefes de Estado, dos chefes dos grandes bancos, inclusive o Fórum de Davos, o FMI ou o Banco Mundial. São como uma formalidade que já é obrigatória. Depois, não acontece nada. Toda a vida econômica, social, política, cultural continua aprofundando a distância entre incluídos e excluídos sem mudança nenhuma.

O que acontece na vida civil, poderia acontecer também na vida eclesiástica. Porém sabemos que na vida eclesiástica é pior: o documento final do sínodo da América suprimiu simplesmente as palavras que falavam de uma opção pelos pobres. Será para lutar contra a hipocrisia, negando-se a expressar um compromisso do qual se sabe que não será cumprido? Seria escrúpulo de sinceridade, reconhecendo simplesmente que a Igreja não se interessa pela questão dos excluídos? Renegando Medellín e Puebla, a Igreja romana condenou a opção pelos pobres. A futura Conferência do CELAM em 2007 será realizada em Roma. Já conhecemos as conclusões que a Cúria romana já está redigindo desde agora. Nenhuma esperança para os excluídos! Pobres dos bispos que serão escolhidos para participar! Serão forçados a assinar textos que a sua consciência rejeita! O fantasma de Marina Silva!

Hoje em dia a grande maioria das injustiças sociais dizem respeito a essa crescen-

te desigualdade entre dois mundos. A grande maioria dos Estados não manifesta nenhum sinal de querer realmente por medidas concretas e eficazes reverter essa situação. Todos praticam algumas formas de "assistência social", como se dizia outrora. Houve um tempo em que os cientistas sociais condenavam a prática de assistência social. Diziam que em lugar de dar um peixe, é preciso ensinar a pescar. Hoje em dia todos preferem dar um peixe, inclusive todos os governos que são dirigidos por partidos que faziam oposição ao sistema estabelecido.

Então, vamos também dar um peixe ou ensinar a pescar?

Há um texto de Bolívar Lamounier que pode despertar a nossa preocupação. Ele fala do PT: "É um partido da ética em abstrato, o que é muito bom como atitude e muito ruim como teoria, sem muita noção de processo histórico, levado por um certo entusiasmo um pouco juvenil. Isso o tornou eleitoralmente potente, mas governativamente fraco. Não tem quadros, não tem teoria, não tem elementos homogeneizadores de profissionalização de seus membros. . . Esse partido meio messiânico, de justiça em abstrato, chega ao poder e cai no denominador comum, que é a continuação piorada da ortodoxia a que o governo FHC foi levado com o passar do tempo"<sup>1</sup>

Esse PT é uma herança dos anos 60 e 70, o período das esperanças de libertação em curto prazo, num sentido de fato meio messiânico. Durante essa época houve religiosos e religiosas que viveram o mesmo entusiasmo, e também com o mesmo despreparo para agir na sociedade real e na

evolução histórica real que não permitia pensar numa revolução tão mágica.

Está claro que precisamos deixar de lado esses entusiasmos dos anos 60 e 70, já que o mundo não seguiu a trajetória que se imaginava naquele tempo. Desde então os problemas da pobreza aumentaram, mas está claro que não podem ser enfrentados com o referencial daquele tempo.

Naquele tempo, ainda havia um povo cristão de camponeses e de operários impregnado de valores cristãos. Era possível pensar que na base desse povo se poderia caminhar para uma justiça social efetiva por meio de uma transformação social. Hoje em dia o número de camponeses diminuiu muito, pois muitos foram excluídos do campo e tiveram que buscar refúgio nas cidades. Os operários diminuíram e perderam toda possibilidade de ação social. Não há mais uma classe operária, mas uma diversidade muito grande de trabalhadores desintegrados socialmente. A terceirização crescente acaba de desintegrá-los. Os únicos que podem fazer greve são os funcionários públicos, o que faz com que a classe operária antiga desapareceu. Não existem mais as classes revolucionárias daquele tempo: subsiste um povo de excluídos, povo desarmado, supérfluo, que não pode exercer nenhuma ação na sociedade dominante. Isto torna o desafio muito mais profundo do que antes.

Hoje sabemos que não haverá revolução total capaz de mudar a sociedade. Por sinal as revoluções do passado nunca mudaram a sociedade, mas provocaram mudanças políticas ou jurídicas que consagravam ou preparavam uma longa evolução anterior ou

1. Cf. Primeira leitura, agosto 2004, p. 37.

posterior. Estamos numa fase de preparação que pode durar um século ou mais.

No passado houve na Europa a substituição dos donos da terra pelos donos da indústria e do comércio que demorou séculos: a burguesia substituiu a nobreza. Por outro lado os camponeses foram deslocados para as fábricas e constituíam a reserva de mão-de-obra da indústria. As revoluções sociais e políticas vieram para formalizar essa mudança da economia. Havia classes sociais para assumir a nova forma de sociedade.

Na atualidade estamos numa economia em que predominam os serviços e esse domínio irá crescendo. A agricultura e a indústria vão ocupar cada vez menos gente, e o trabalho será feito cada vez mais de serviços. Porém, os excluídos não constituem uma classe de produtores capaz de assumir o poder. Por isso não pode haver revolução agora.

A sociedade de tipo ocidental atual vai ter que passar por mudanças profundas. Mas a imensa maioria dos excluídos não foi preparada para assumir eficazmente serviços no novo tipo de sociedade que se torna universal. Daí um imenso desafio de educação. Os merinos e as merinas que estão nas escolas populares não recebem nenhuma preparação suficiente para exercer um ofício dentro da sociedade futura. Somente poderão sobreviver de esmolas e diversas obras de assistência. Por isso os governos atuais recorrem à assistência. Desta maneira não vão resolver nada e aquela exclusão que conhecemos atualmente vai aumentar.

Ao mesmo tempo, a sociedade vai precisar de novos serviços porque há muitos setores da sociedade que estão abandonados, e muitos outros que poderiam ser

melhorados. Mas os excluídos não estão sendo preparados.

A sociedade vai precisar de um novo modelo de convivência humana. Para ser humanas, cidades como São Paulo terão que ser destruídas pelo menos a 80%: as favelas, os cortiços, as casas velhas, os bairros improvisados, o traçado das avenidas, os meios de transporte. No século XIX Haussmann destruiu toda a cidade de Paris e construiu no mesmo espaço uma nova cidade, aquela que conhecemos atualmente e não lembra em nada o Paris de antes de Haussmann. Hoje em dia vai ser necessário fazer isso em todas as cidades grandes de mais de 2 ou 3 milhões de habitantes e em muitos bairros das cidades de mais de 100.000. Financeiramente não é impossível, com a condição de orientar os capitais para obras construtivas e não para a especulação.

Além de uma preparação para poder agir numa convivência realmente mais humana, a educação deve também preparar as novas gerações para as atividades gratuitas: arte, poesia, literatura, expressão. Houve cidades antigas em que todos sabiam tocar um instrumento de música, em que todos eram pintores ou escultores ou artesãos de arte. Hoje em dia a imensa maioria dos excluídos nada disso aprende. São energias humanas sem criatividade, inutilizadas. Perderam a sua antiga cultura popular, pelo menos em grande parte. Vão ter que criar uma nova cultura popular que não seja a cultura desumana que divulgam os programas de TV elaborados nos Estados Unidos ou no Japão, que têm por resultado abastalhar as populações.

É impossível que os excluídos tenham uma atuação política adequada, que lhes permita participar ativamente da socieda-

de mundial ou nacional com o nível humano que têm. Por isso eles aceitam passivamente governos que somente conseguem aumentar a exclusão. Não têm capacidade para fazer uma oposição eficaz. As revoluções que são transferências de poder, virão depois. Neste momento o nosso desafio é a elevação do mundo subumano para um mundo humano de acordo com o nível de desenvolvimento da sociedade atual.

Estamos numa primeira fase de uma nova etapa da humanidade que se implantou definitivamente na década dos 70 do século passado: a maioria da população passou da agricultura e da indústria para os serviços, o que exige uma transformação das suas capacidades. Os que não adquirem as novas capacidades, estão perdidos.

Construir uma nova organização social e política a partir do caos atual será uma longa preparação.

Na América Latina, os governos não assumem essa tarefa porque as classes dirigentes não estão interessadas. Falta-lhes solidariedade. Ficam satisfeitos com obras de assistência, mas não querem os sacrifícios que exigiriam uma verdadeira educação humana. Será possível inculcar atitudes de solidariedade que possam ir além da simples assistência, da simples esmola? Como?

Se multiplicam as pessoas capacitadas e a sociedade não lhes oferece possibilidade de exercer o ofício que corresponde às suas capacidades, elas vão formar a nova classe revolucionária. Quando os burgueses se sentiram capazes e a nobreza não lhes deixou nenhuma possibilidade de ascensão social ou de poder político, fizeram as revoluções. Quando os operários se sentiram capacitados, não aceitaram mais a condição de escravos e se tornaram uma classe

revolucionária. Os escravos não fazem revoluções e não conseguem formar uma sociedade organizada.

Há no Terceiro Mundo elementos que procedem do mundo dos excluídos e que conseguiram adquirir uma verdadeira formação. Há não poucos casos em que os pobres já formados não acham na sociedade nenhum espaço onde poderiam exercer a atividade que aprenderam. Este é um sinal que mostra uma falha profunda na organização da sociedade: eles poderiam agir, mas não têm oportunidade. Deles virão as revoluções do futuro.

A preparação será longa e múltipla, feita de milhões de ações locais finalmente convergentes, ainda que convergência não esteja aparente nos primeiros tempos. Haverá muitas pequenas mudanças locais que terão efeito multiplicado pela convergência final.

Com essas condições podemos perguntar-nos o que podem fazer os religiosos e as religiosas?

Em primeiro lugar, eles e elas terão que fazer uma opção básica da qual vai depender todo o resto. Entre os dois mundos tão distantes, uma opção é inevitável. Não é possível pertencer aos dois mundos ao mesmo tempo. O mundo em que uma pessoa vive, condiciona todo o pensamento, a sensibilidade, as emoções, as frustrações e as esperanças, os temores e as seguranças, os projetos, a maneira de enxergar o mundo e de se enxergar a si próprio. A opção pode ser consciente ou inconsciente, voluntária ou não, mas sempre há uma opção.

Esta opção manifesta-se pela presença física: onde esses religiosos ou religiosas moram? A moradia condiciona as relações sociais, a maneira de perceber tanto o mun-

do dos pobres como o mundo dos ricos e condiciona as centenas de pequenas decisões que se tomam a cada dia. Influi no modo de viver, de julgar, de agir.

Para a burguesia, o conforto é o valor supremo. Os bairros burgueses foram construídos, os apartamentos e todos os conjuntos habitacionais para assegurar o maior conforto possível. Há diferentes níveis de conforto como há diversos níveis de burguesia mas para todos o conforto da casa é o valor supremo. Se os religiosos ou as religiosas moram nesses bairros, inevitavelmente o conforto se tornará um valor primordial. Haverá sempre a preocupação de melhorar o conforto com toda a sofisticação que os seus vizinhos procuram sem cessar.

O ideal da antiga burguesia era o trabalho, o progresso, combinados com um forte sentimento nacional e uma forte disciplina de vida. As novas burguesias não vivem do trabalho, mas dos rendimentos dos recursos financeiros de que dispõem. Vivem mais de rendas do que do trabalho profissional. Por isso o seu ideal é o pleno equilíbrio corporal, ao qual dedicam muitas horas por semana, o equilíbrio psicológico assegurado pelos serviços de muitos especialistas dos problemas psicológicos. É preciso evitar todas as formas de estresse. Muito mais importante do que o trabalho é o lazer: são as férias com as viagens, o descanso no meio de uma natureza resplandecente e com amigos sumamente agradáveis. A civilização burguesa gerou o turismo que está se tornando a sua principal atividade. Quem vive no meio desse mundo dificilmente escapa a esse ambiente. Se não pode narrar aos vizinhos as maravilhas das suas férias, sente-se inferior, incapaz, inculto, um ser não civilizado.

Quem vive no mundo dos pobres sente todas as limitações do ambiente. Tudo é mais estreito. O frio é mais frio e o calor é mais quente. No inverno a lama e no verão a poeira. O barulho que fazem os vizinhos e as crianças na rua. Tudo fica mais longe. O lazer dos pobres são as novelas da TV, que constituem o mais forte da sua cultura. Claro está que as relações sociais são muito mais fáceis, mais humanas, mais espontâneas e mais sinceras. Mas elas são também exigentes: porta aberta, disponibilidade para prestar serviço ou dar emprestado dinheiro ou objetos de utilidade, ferramentas.

Nesse contexto o ideal do conforto não é possível. O ideal é a sobrevivência, a amizade, a segurança. Quem vai morar ali não pode não sentir que está excluído também de alguma maneira da sociedade dominante com todas as suas mordomias e privilégios. O mundo dos pobres tem as suas festas. Mas a festa consiste muitas vezes num refrigerante com pipoca. É diferente da festa dos grandes.

Quem mora no mundo dos incluídos entra numa rede de relações. Quem mora no mundo dos excluídos entra em outra rede de relações. Pode não haver exclusividade, mas sempre haverá uma diferença notável.

A simples presença dos religiosos e das religiosas no mundo dos excluídos já comunica uma mensagem de esperança, de fé e de amor mesmo que não tenham nenhuma atividade de ajuda material ou espiritual. Pode-se pensar que é melhor que não venham com a intenção de ser os salvadores da pátria, capazes de resolver os problemas vitais. Seria criar uma relação de dependência e transformar os pobres em mendigos que entendem que os religiosos são fontes de esmolas.

Porém, pode acontecer que os religiosos ou as religiosas queiram ter uma atividade que constitua uma verdadeira promoção humana. Isto não se pode excluir, mas é preciso submeter os planos a critérios de discernimento: o que é que vai realmente ajudar?

Não sendo especialista, vou propor apenas algumas sugestões que me parecem razoáveis.

Em primeiro lugar, podemos ajudar os excluídos a criar, melhorar ou transformar atividades da economia informal. Trata-se de micro-empresas. Para os excluídos a economia formal é inacessível, mas uma grande parte da economia está no informal e no mundo este setor está crescendo inclusive nos países que se dizem desenvolvidos. Muitos excluídos não têm idéias, não sabem como proceder ou como encontrar financiamento. A economia informal pode não ser o ideal dos economistas, mas, pelo menos nos próximos 20 anos, será a condição dominante, porque o PT vai manter o sistema neo-liberal até 2010 e depois dele não há nenhuma alternativa preparada. E para as crianças de hoje, assim como para os adultos, não existe nenhuma possibilidade de terem acesso ao mundo dos incluídos. O seu número só pode aumentar porque milhões de camponeses ainda vão ter que abandonar a terra para buscar refúgio nas cidades, aumentando o número dos excluídos. Então o nosso terreno privilegiado será a economia informal.

Em segundo lugar, podemos ajudar a salvar, fortalecer e ajudar crescer o que ainda resta da cultura popular tradicional para evitar que tudo seja destruído pela cultura de massa cujo modelo está nos Estados Unidos. Trata-se da poesia ou da literatura popular, da música e das artes tradicionais.

Haverá inclusive mercados abertos para produtos culturais que procedem de culturas exóticas que chamam a atenção dos povos mais ricos que já perderam as suas tradições. Reconstruindo peças da sua antiga cultura, os pobres recuperam um sentimento de dignidade e de valor humano.

Em terceiro lugar, podemos ajudar uma educação popular autêntica que prepare pessoas humanas. Mesmo na economia informal, as pessoas podem ser cultas, educadas, criadoras de formas e expressões que enriquecem a cultura popular. As atuais escolas fundamentais não realizam esse programa, nem os colégios municipais ou estaduais de ensino secundário. Seria uma ruptura com o sistema oficial, mas todas as inovações e todas as culturas sempre nasceram em ruptura com um sistema decadente anterior. Uma educação popular exige a colaboração de milhões de educadores. Há muitos que estão esperando uma iniciativa e muitos podem converter-se. Evidentemente, o desafio é convencer um número importante de educadores. Não adianta mudar as leis se ninguém quer trabalhar para as mudanças.

Em quarto lugar os religiosos e as religiosas podem ter um papel muito ativo no seio das inúmeras associações que lutam por uma sociedade diferente. Muitos institutos são internacionais, o que pode facilitar a participação em movimentos internacionais.

Claro está que a "conscientização" deve mudar de objetivo. Pela via da política dita democrática, os excluídos não podem conseguir nada. Na atualidade a política não oferece nenhuma saída. As organizações populares dos tempos passados como os sindicatos, não têm nenhum futuro. Dada a realidade da economia informal, o que mais

importa é a valorização da pessoa humana e dessas atividades informais, para que os excluídos tenham uma consciência crescente do seu valor. Os excluídos de hoje são mais desumanizados do que os pobres de há 40 anos atrás. Muitos jovens entre 15 e 25 anos sentem-se totalmente rejeitados pela sociedade. O objeto de um trabalho de promoção são justamente esses jovens, sobretudo os rapazes, muito mais vítimas da desumanização. As mulheres resistem mais à empresa de destruição que é a economia dominante. Os homens são mais vulneráveis. Por isso eles fornecem os maiores contingentes de encarcerados, condenados, drogados, membros de bandos de delinquentes.

Há um assunto que merece reflexão. É a questão da própria vida consagrada na nova sociedade. O que é que constitui a especificidade dessa vida?. Não adianta referir-se aos votos, pois os votos são puros meios em função de um modelo de vida que deveria ter significado em si. Ninguém entra na vida religiosa atraído pelos votos. O que é que atrai? Qual pode ser a motivação?

No decorrer dos tempos houve uma evolução e podemos perguntar-nos se as mudanças culturais de hoje não irão provocar uma nova fase de evolução.

Nas origens, houve a vida monástica nascida no Egito e no Oriente Médio em geral nos séculos III e IV. Claro está que esta foi influenciada pelo contexto cultural: o ideal gnóstico de salvação pela vida do conhecimento, o ideal filosófico que vai no mesmo sentido de busca de Deus pelo conhecimento desprendido da razão puramente racional. Pode ter havido uma penetração inconsciente da vida monástica budista que se espalhou pelo Oriente inteiro. Essa vida

é uma vida dedicada exclusivamente à busca de Deus. "Só Deus": todo o resto perde importância. Hoje em dia esse vida poderia receber o nome de contemplativa, ainda que essa palavra contemplativa seja muito pouco feliz, porque atualmente contemplação significa uma atitude passiva. O que os monges entendiam, não era algo passivo, mas uma orientação ativa com todas as suas energias na busca de Deus e na recepção da iluminação dele.

No entanto, hoje em dia o que surpreende nessa fase da vida monástica, é que a amor de Deus esteja separado do amor ao próximo. Não é um amor só. O próximo pouco aparece. De fato a vida solitária não levava a uma prática intensiva do amor ao próximo. E a vida cenobítica não parece ter desenvolvido muito esse aspecto.

Mais tarde, no Ocidente, a inspiração beneditina deu muita ênfase à hospitalidade. A vida monástica ulterior dedicou muito importância ao trabalho e os beneditinos deram uma grande contribuição ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária como da piscicultura: foram fatores de promoção dos camponeses. No entanto, o centro é ainda Deus e o próximo ainda não está muito conectado com Deus. Para S. Bernardo a vida monástica é fuga do mundo para achar o céu na cela.

Vieram os Mendicantes. Estes vivem no meio dos povos, pelo menos de acordo com a inspiração dos fundadores, ainda que Roma tenha feito esforços constantes para que se aproximassem do modelo monástico. Estão em relações constantes com as pessoas, mas a relação está orientada pela promoção espiritual. São pregadores que vão converter os pecadores para que possam entrar no céu. Essa preocupação pela

salvação eterna dos pecadores foi a preocupação dominante na cultura do povo cristão durante todo o final da cristandade, sobretudo a partir do século XIV, mas já era muito forte antes. O amor ao próximo era a dedicação à salvação da sua alma. Esse amor está ligado ao amor a Deus, porque amar a Deus era conduzir almas para ele.

A evolução da vida religiosa feminina foi diferente. As mulheres foram proibidas de entrar na vida de pregadoras. Basta comparar a vida de S. Francisco com a vida de S. Clara. A cultura do tempo condenou-a a viver reclusa num mosteiro. No entanto na idade média e nos séculos ulteriores houve uma multidão de obras de caridade assumidas por mulheres consagradas que não tinham necessariamente um estatuto aprovado em Roma. Assim como houve no Norte da Europa as beguinhas vivendo em grupos de casinhas vizinhas e dedicadas a obras de caridade: hospitais, orfanatos. Ali o amor ao próximo aparecia em primeiro lugar embora esse serviço ao próximo estivesse sempre ligado estreitamente ao serviço de Deus. Esta tradição feminina continuou até o século XX: as religiosas assumiam escolas para os pobres antes que houvesse ensino público generalizado, hospitais e serviços de saúde, orfanatos e outras casas de acolhida de anciãos.

No século XVI os jesuítas prolongaram o modelo dos Mendicantes, porém, dedicando-se prioritariamente à formação dos adolescentes nos seus colégios. Iniciaram uma vida religiosa dedicada às classes superiores, com a esperança de que os ex-alunos se tornassem defensores da cristandade. De qualquer maneira o serviço principal era a formação espiritual, ou seja, a pregação para salvar as almas.

Na prática, as atividades dos religiosos e das religiosas estiveram estreitamente ligadas às estruturas da cristandade e estavam perfeitamente adaptadas a essa situação. Quando se dedicaram às missões estrangeiras era para reproduzir fora da Europa o mesmo modelo de cristandade. Ora, o que foi excelente durante séculos, hoje em dia está deslocado.

Houve grandes mudanças. As atividades de pregação estavam ligadas ao status privilegiado dos missionários. Os religiosos tinham autoridade social e falavam a partir de uma posição social de superioridade embora a sua conduta pessoal pudesse ter sido muito humilde. Hoje em dia essa atitude é impossível. A Igreja já não tem mais autoridade nem prestígio social e o pregador já não pode mais falar invocando a autoridade. Ele não pode mais chamar os ouvintes. Deve ir ao encontro das pessoas para atrair ouvintes. Isto obriga a mudar totalmente o relacionamento com a sociedade.

Quanto às obras de caridade, existe uma rede de instituições civis para o ensino, os hospitais e os serviços sociais, embora incompleta. Existem muitas associações privadas que assumem os mesmos serviços. Estes deixam de ser o monopólio das religiosas ou dos religiosos. Por conseguinte, os religiosos e as religiosas que querem prestar serviços sociais, devem buscar no meio da rede complexa da sociedade atual um lugar para estar presentes se querem prestar serviços sociais.

De qualquer maneira, religiosos e religiosas precisam viver em contatos muito mais frequentes com a sociedade civil. Encontram-se no meio de uma grande diversidade de religiões, de opções políticas, de classes sociais e de códigos morais diferen-

tes. Antigamente, eles tinham uma identidade forte e esta se dissipou. Para muitos há um problema de identidade. Depois de certo tempo, eles se perguntam porque ainda estão aí e já não descobrem razões suficientes para perseverar na mesma vida. Achem que poderiam fazer a mesma coisa, ou mais sem essa estrutura da qual não percebem mais nem a eficiência, nem a utilidade.

Antigamente o instituto era uma proteção que fortalecia todos os dias a percepção que os membros tinham da sua identidade. Hoje em dia o instituto dificilmente consegue reforçar a adesão dos seus membros. Sobretudo não há mais o ambiente cultural da cristandade que reforçava a consciência da identidade. O religioso ou a religiosa se sentia de certo modo carregado e empurrado pelo seu meio ambiente. Hoje em dia sucede o contrário: o meio ambiente tende a afastar o membro da sua instituição.

Isto supõe uma convicção muito mais forte da vocação pessoal. As campanhas vocacionais não tendem a exigir dos candidatos uma vocação pessoal muito forte. Ao invés, elas tratam muitas vezes de inocular a vocação a jovens mais ou menos decididos, de convicção bem mais fraca. São os que entram no noviciado para ver se dá certo. Ou seja já entram com uma dúvida. Claro que nessa condição a dúvida somente pode crescer. Não há formação que possa dar a vocação a quem não a tem, ou que possa reforçar essa vocação. Ela vem de Deus e se não veio, ninguém pode suprir.

Além disso em muitos lugares a formação religiosa tornou-se muito "light". Justamente numa época em devia ser muito mais dura, ela ficou mas mole.

É notório que os seminários são verdadeiras escolas de preguiça. A mesma coisa

acontece em muitos noviciados ou casa de formação religiosa. Os jovens podem ter uma verdadeira vocação, mas se passam anos numa escola de preguiça, perdem toda a coragem necessária. É notório que os seminários são escolas de egoísmo. Mas a mesma coisa pode suceder nas casas de formação religiosa. Não se ensina a amar de modo concreto e prático.

S. Bento dizia: "Ora et labora": orar ou trabalhar. Não pode haver nenhum tempo vazio. O religioso ou ora ou trabalha. Mas não fica sem fazer nada. Vão visitar as casas de formação e verão o que acontece.

No início o amor de Deus parecia eclipsar o amor ao próximo. Mas ultimamente poderia ser que suceda o contrário: que o amor ao próximo esteja postergando o amor a Deus. Com essa condição a vida religiosa perderia a sua especificidade. O amor ao próximo não exige uma vida religiosa. O elemento diferencial parece ser a busca de Deus. Se a busca de Deus não tem mais a densidade suficiente, é inevitável que os religiosos se perguntem porque têm um modo de viver diferente. A consciência mística deve ser muito mais desenvolvida. Entre os sinais de vocação está uma consciência mística excepcional, um amor consciente a Deus excepcional. Este não se pode confundir com as emoções religiosas superficiais que são bastante comuns entre os adolescentes entre outras emoções igualmente fortes. Separado do amor místico a Deus, o amor ao próximo não basta para justificar um modo de viver tão diferente do modo comum. O perigo é que a mística dispense do exercício prático da caridade. Porém, este perigo parece menos grave do que o outro.

Se Deus não abandonar a Igreja católica, podemos esperar que apareçam novos

modelos de vida religiosa. Não se põe vinho novo em odres velhos. Em toda reforma sempre aparecem novas expressões que eventualmente podem orientar a transformação dos institutos mais antigos.

Diante da amplitude do problema social atual, os problemas de há 40 anos atrás parecem brincadeiras. Somente a colabo-

ração de milhares de entidades de todas as partes do mundo poderá iniciar caminhos novos. Os religiosos e as religiosas deverão descobrir o seu lugar – modesto – nesta transformação do mundo.

---

Endereço do autor

Rua Rosinaldo Santana, 900

CEP: 58308-650 – Bayeux – PB

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Quais são, no seu entender, os principais problemas e entraves da Vida Religiosa, que têm sua origem no processo de institucionalização?
- 2- Que desafios da sociedade injusta de hoje são mais perceptíveis e mais urgentes no seu contexto?
- 3- Como a sua comunidade procura se posicionar diante desses desafios?
- 4- Que opções de vida e missão se fazem necessárias hoje para que a Vida Religiosa seja realmente sinal do Reino?

**“Na Europa a vida consagrada se extingue e na América Latina ela se desenvolve somente naquelas instituições que constituem um gueto que as protege do contato com a sociedade.”**

# Identidade do ser religioso

J. B. LIBANIO

A crise de identidade atravessa mares e montanhas. Atinge grandes e microinstituições até aninhar-se no coração humano. A civilização ocidental já não sabe quem ela é. Das fleugmáticas terras britânicas vem o anúncio de que em décadas o Ocidente já se terá orientalizado<sup>1</sup>. E o Oriente com a dissolvente coca-colalização, a macdonaldnização empanturrante, com os jeans juvenis atrelados ao *heavy metal* subsistirá à onda ocidentalizante? Quem é quem nessa confusão globalizante?

A religião se permeia de ritos e cultos advindos de antiguidades pré-cristãs até de seitas criadas na esquina das ruas metropolitanas. Esfumam-se as identidades religiosas num sincretismo e panreligiosismo difuso. A identidade tridentina da Igreja católica, tão laboriosamente construída durante quatro séculos, implode por obra detonante dos movimentos internos da modernidade.

A família patricarcal cede lugar para uma pluralidade de famílias nucleares biparentais, monoparentais de valências diversas. A crise de identidade, atingindo até o mais profundo do ser humano pela insinuante dogmática freudiana, deixa-nos perplexos diante de um ego minado por baixo pelo id e por cima pelo superego.

Em meio a tanta crise de identidade, é de estranhar que a Vida Consagrada (VC) se veja ela mesma envolvida por tantos fatores dis-

solventes? Assim lemos e ouvimos com frequência afirmar que se vive uma crise de identidade da VC. Lapalissada de esquina.

Mas só é, em parte, verdade. Por todos os lados, sentem-se a perplexidade e o mal-estar que a fragilização da identidade provoca. Seria simples se o fato fosse uniforme. Mas, simultaneamente ao dado de uma desestruturação da identidade, acontece também uma crispação da mesma. Que permite coexistirem fenômenos antagônicos de enfraquecimento e fortalecimento, de visibilização e invisibilização, de dissolução e de reforço da identidade da VC?

Talvez facilite lançar luz sobre a complexidade e imbricação de contrários, recorrer ao esquema didático do modelo. Com ele separaremos os traços que caracterizam os opostos da exterioridade e da interioridade, da invisibilidade e visibilidade da identidade. Elaboraremos assim dois modelos para entender esse movimento. Um terceiro momento surge como caminho-pista para superar o impasse e as contradições dos dois modelos anteriores, quando levados a seus extremos. Portanto, trabalharemos três modelos.

Cabe uma palavra de advertência metodológica em relação aos limites de tal método. É um recurso didático para esclarecer alguns pontos da VC concreta. O modelo acentua os elementos principais de tal

<sup>1</sup> C. Campbell, A orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio, in *Religião e Sociedade*, 18/1 (1997), p. 5-29.

modo que se corre o risco de fazer uma caricatura da realidade. Precisamos evitar, portanto, enrijecê-los e confundi-los com a realidade que sempre é mais complexa e não se reduz a nenhum deles.

## **I. Modelo exterior: "católico tridentino"**

A VC, tanto na sua forma clássica como em formas novas, desenvolve um modelo com predominância dos aspectos exteriores. Ao denominá-lo de "católico tridentino" queremos usar uma analogia. Assim como nos anos pós-tridentinos, a Igreja católica insistiu muito numa eclesiologia de sinais visíveis, assim também esse modelo faz o mesmo com a VC.

Nele atribui-se importância aos símbolos religiosos, aos costumes, aos hábitos no duplo sentido de vestimenta como de práticas exteriores repetidas. Os membros do grupo religioso criam códigos próprios de linguagem e de comportamento que os distinguem das outras pessoas e os identificam. Usam expressões ou ritos que só se fazem inteligíveis entre eles. Nalguns casos vão mais longe. Assimilam maneiras de sorrir, tonalidade no falar, meneios no andar e relacionar-se com os demais que lhes imprimem uma marca reconhecível de longe de tal modo que as pessoas e comunidades da congregação são visivelmente identificáveis.

Constroem para si e para o grupo um imaginário social próprio no qual a pessoa do fundador, os dignitários, os associados ocupam lugares específicos, dispõem de maior ou menor autoridade moral sobre os membros do corpo social. A VC distingue-se externamente também pelo tipo de

obras e atividades que exercem com peculiaridade original.

Quando se trata de organizações internacionais, recebem normalmente as consignas e orientações dos centros, de modo uniformizado, por meio de cartas, vídeos, videoconferências, empregando, em muitos casos, a moderna tecnologia da comunicação. A uniformidade na formação é assim garantida e ainda reforçada pela exterioridade de leis, normas, regras canônicas comuns a todos.

A comunidade cria uma guarida protetora numa verdadeira pedagogia do ninho. Tanto mais necessária e desejada, quanto maiores são os bombardeios modernos e pós-modernos de elementos estranhos a esse tipo de VC. Realiza-se o que os sociólogos chamam de "instituição total" na qual a moradia, o trabalho e o lazer se fazem sob o mesmo teto e sob uma única autoridade. Exerce-se assim mais fácil proteção e até mesmo controle sobre as consciências. O interesse principal dos membros volta-se para dentro da comunidade e não para o mundo de fora. Estabelece-se o jogo dual: dentro e fora. Vale conferir nesse ponto o artigo de L. R. Benedetti<sup>2</sup>. À guisa de aperitivo, cito-lhe um parágrafo sobre o Seminário, como instituição total. Onde ele escreve seminário, leia-se vida comunitário-religiosa: "O primeiro passo do seminário é afastar do mundo do trabalho, um aspecto definidor do homem moderno e, mais especificamente ainda, do homem urbano. A primeira condição para ser padre é "largar tudo"... Nada mais distante do mundo urbano! Mais, tudo isso é visto como renúncia, sacrifício, desapego, dom

<sup>2</sup> O "Novo Clero": Arcaico ou moderno? In REB 59 (1999) pp. 88-126.

de si. E acaba contribuindo para aguçar (ou mesmo criar) um espírito de casta...

Mas, o Seminário, além de ser por excelência o lugar da inculcação do *habitus*, é também o lugar do controle. Os futuros padres são isolados para ser melhor controlados. Para explicar teoricamente, valemo-nos das análises de Goffmann sobre as instituições totais... Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com as rupturas das barreiras que comumente separam estas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo determinado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição<sup>3</sup>.

Resumindo, esse modelo exterior consiste fundamentalmente em insistir e reduzir a Vida Consagrada ao cumprimento do conjunto exterior de sinais que a configuram social e visivelmente.

## II. Modelo interior: evangélico reformador

Ao mesmo tempo coexiste com esse modelo de forte identidade externa outro que desloca o acento para a interioridade. De novo, recorro à mesma analogia com o processo tridentino. Em oposição à vertente católica de aspectos visíveis, se desenvolveu um tipo de organização social religiosa por parte da Reforma que carregava os aspectos invisíveis e internos. Daí a denominação de evangélico reformador para esse modelo de VC.

No centro está a experiência interior, carismática, mística. Cultiva-se, de modo positivo, a experiência fundante de Deus no coração do religioso. Algumas expressões preconizam verdadeiro renascimento espiritual - rebirth -, associado frequentemente à experiência carismática do batismo no Espírito. Essa vivência exprime conversão interior radical, produzindo o sentimento de forte ruptura entre a vida anterior e a nova vida consagrada. Mesmo que a pessoa tivesse vivido uma vida cristã normal, esta é considerada medíocre, rotineira em comparação com a nova maneira de viver depois da experiência de conversão.

O lado mais problemático desse modelo é a acentuação na própria satisfação espiritual. Importa estar bem consigo mesmo, sentir-se bem, legal, feliz. A atmosfera espiritual serve de ingrediente da própria felicidade. O exercícios espirituais, a leitura da Escritura perdem objetividade para se tornarem alimento desse estado anímico pacificado e eufórico. A dimensão social e comunitária da Congregação tem importância à medida que favorece tal experiên-

<sup>3</sup> Id., p. 123s.

cia, tomando-se distância de todos aqueles aspectos que tildem o clima de gozo interior. Num grau já bem mais perigoso, gera-se uma dupla linguagem de vida. Para o público externo – superiores, colegas e atividade pastoral – tem-se a linguagem que eles querem e esperam ouvir. Mas a verdadeira linguagem de vida fica restrita e fechada na interioridade do religioso. Ele vive conforme os próprios gostos e segue o que lhe agrada e lhe traz consolação sensível, procurando minimizar o máximo possível os conflitos com o mundo externo.

Resumindo, o modelo interior reduz a Vida Consagrada a atitudes internas, enfraquecendo o vínculo e a responsabilidade diante do corpo social visível da Congregação.

### III. Modelo sacramental: Concílio Vaticano II

Perseguindo a analogia eclesiológica, o modelo sacramental de VC quer reproduzir o que se passou quanto à compreensão de Igreja no Concílio Vaticano II. Diante de um difícil dilema de continuar a linha eclesiológica dominante com forte peso nos aspectos visíveis da Igreja ou de encetar uma aproximação ecumênica com as Igrejas saídas da Reforma, o Concílio teve a luminosa intuição de usar a categoria de *sacramentum* como uma ponte entre as duas, superando o impasse.

Ele mantém a exterioridade do primeiro modelo. Não há sacramento sem sinal visível. Mas aponta para o lado invisível da interioridade da graça comunicada e recebida. Na clássica definição, ele significa realizando, realiza significando.

A questão fundamental desse modelo é perguntar-se pelo sentido, significado, realidade interior que as regras, as normas,

os sinais, os símbolos, as práticas da VC têm. Se não favorecem a nenhuma experiência pessoal, interior e espiritual, não têm sentido. Por sua vez, se a interioridade não se exterioriza em sinais e práticas, teme-se que a VC se torne pura subjetividade arbitrária. Essa estrutura sacramental se converte em critério de discernimento. A VC distancia-se da pura interioridade, afirmando a encarnação da graça, como também refuga o farisaísmo, legalismo, exteriorismo de ritos religiosos sem correspondente experiência interna.

Resumindo, o modelo sacramental tenta articular as convicções internas, a conversão do coração, o empenho da consciência com as exigências sociais e externas de uma vida consagrada no interior de um corpo social.

### IV. Desafios desestruturantes da identidade do religioso

A identidade da VC está aí num tríplice movimento dominante: reforçando a exterioridade ou contentando-se com a pura intenção interna ou buscando uma síntese entre as duas. Levanta-se a pergunta ulterior: que realidades estão a ameaçá-la em qualquer uma de suas expressões?

#### 1. Medo da liberdade e responsabilidade

A identidade é um momento de afirmação da própria realidade de si. Implica um ato profundo de liberdade. E o medo de assumir a própria liberdade impede a criação da identidade.

Cabe introduzir uma distinção entre liberdade de escolha e liberdade teológica. A primeira se refere a coisas. Quanto mais entrarmos na sociedade moderna, mais li-

vres seremos para escolher as alternativas e oportunidades. As pessoas, que vêm de um mundo rural, sentem-se embriagadas por tal liberdade, ao mergulhar no mundo das grandes cidades com ofertas em todos os campos. Percebe-se facilmente certo aspecto ilusório dessa liberdade uma vez que os sujeitos se tornam escravos do consumismo. Deixemos tal liberdade de lado.

A liberdade fundamental, ou teológica, porque a interpretamos à luz da revelação, diz respeito ao cerne do próprio eu. E ela encontra seu momento mais importante, profundo e radical quando o nosso eu se põe diante de Deus na escolha maior de aceitá-lo e rejeitá-lo. Como tal ato nos configura para toda a eternidade, tememos terrivelmente tal liberdade. É ela que está envolvida fundamentalmente na VC. O medo de tomar nas próprias mãos essa liberdade, dificulta assumir a seriedade da VC e sua definitividade. Tal liberdade envolve o ser humano na sua totalidade: para a vida e para a morte. Daí o terrível medo, pois nela se joga tudo. Numa cultura do provisório e do descartável, a liberdade, vivida no sentido pleno de entrega de si ao Transcendente, atemoriza pelo seu caráter de definitividade. É uma liberdade que não se realiza no mundo das coisas, mas em confronto com outras liberdades, que exprimem e concretizam para nós a liberdade do Deus que nos chama.

## **2. Perda da consciência de história**

Dificulta igualmente a criação da identidade do ser religioso a perda da consci-

ência de história. Esfuma-se o passado, esmorece o futuro e fica o presente sem história. Já não se responde pelo amanhã. Com isso desaparecem a responsabilidade e a ética. Não nos comprometemos definitivamente com nada e com ninguém. Cada decisão é só presente. Pode ser revogada por outra igualmente presente. A carta de Cl. Boff e as ponderações de Frei Prudente alertam-nos tanto para a superficialidade como se assumem compromissos definitivos e quanto para uma formação pouco profunda na experiência do mistério na VC<sup>4</sup>.

A historicidade é dimensão fundamental da identidade humana e cristã, e por conseguinte da VC. Por isso sem ela dificilmente formaremos uma identidade consistente na VC. E por historicidade entendemos tanto a transitoriedade da cultura, dos seus valores quanto as invariantes permanentes dessa mesma história. Os compromissos da VC participam de ambos os traços da historicidade. Têm as formas do momento, mas querem exprimir algo de definitivo na vida do votante. Prender-se a uma única dimensão da história atrofia a formação, seja produzindo surfistas das ondas da última moda ou angustiados neuróticos diante de compromissos imutáveis que já não conseguem suportar. Haja dialética!

## **3. Contexto neoliberal e midiático**

Sem entrar na questão política e econômica do neoliberalismo e nas implicações dessa natureza no mundo midiático, detenho-me no aspecto ideológico e cultural.

A ideologia neoliberal, sustentada pela

<sup>4</sup> Cl. Boff, *A formação em debate: Considerações indignadas sobre a formação religiosa hoje*, in *Convergência* 34 (1999), pp. 37-47; P. Nery, II. *Comentário às considerações indignadas de Frei Clodovis Boff*, in *Convergência* 34 (1999), pp. 47-64.

cultura midiática, propala os valores da sanidade, o culto da beleza e do corpo, o caráter decisivo da aparência. É o reino do físico e do marketing. Esse triunfo da midiática atinge de cheio o mundo da VC. Ocupa o tempo exterior e interior dos religiosos, influenciando a maneira como eles se pensam a si mesmos. Gera erradicação dos elementos sociais da vida. Cria identidades virtuais, gera confusão entre o real e virtual.

Há um conflito não declarado entre beleza e pobreza. Uma juventude, que preza cada vez mais a beleza, tem dificuldade de assumir uma VC pobre na exterioridade do trajar, na modéstia do passadio, na austeridade do morar. O padrão de beleza tende a tornar cada vez mais caros os produtos que o constituem. Assumi-lo significa ir crescendo no poder aquisitivo. Não bastam as coisas. Elas devem ter a “marca” que lhes garanta o critério estético do momento. E isso custa caro.

Às vezes, passa-se ao extremo do desprezo total dos códigos de beleza, mas com certa tonalidade pós-moderna da raridade, do exótico, como usar túnicas rústicas de sabor medieval nos dias de hoje. É um traço pós-moderno a sobreposição de tempos e idades de modo que uma mesma pessoa veste ou calça peças de feitos de épocas distintas. Será que tanto o estar na moda do momento como misturar estéticas não refletem, no fundo, um mesmo desejo de reconhecimento social, de chamar atenção sobre si e, portanto, não garantem nenhuma autenticidade evangélica e durabilidade histórica?

Mais grave ainda é o fato de formarem-se identidades egocêntricas sem dimensão social da realidade e desejosas de comunidades emocionais. A pós-modernidade é for-

temente narcisista. Manifesta-o de maneiras plurais que nem sempre revelam com clareza esse traço. Como se vive numa cultura midiática, busca-se estar sob o foco das câmaras, estrelando pela beleza, pelo esporte, pela música e por tantas outras formas de exibicionismo, até mesmo de aparência evangélica. De novo, a mesma pergunta sobre o que se chama a atenção: a própria pessoa ou o testemunho-mensagem?

Resumindo, o contexto liberal propicia a criação de identidades narcisistas, antes voltadas para o cultivo de si, de sua aparência e para grupos que reforcem tal dimensão existencial. Alimentam-se da cultura midiática e confundem facilmente evangelização, testemunho do evangelho com aparato publicitário. Em vez de encontrar pessoas reais esbarramos com seres virtuais que fogem de nossa palavra evangelizadora<sup>5</sup>.

#### **4. Confusão entre vocação e profissão**

A modernidade avançada tem embaraçado as realidades de vocação e profissão com conseqüências para a identidade do ser religioso. Profissão quer dizer competência, eficiência, produtividade, reconhecimento social. Por meio dela, as pessoas se situam na sociedade. Não ter profissão iguala-se a ser marginalizado, a não se sentir valorizado. Numa cultura do trabalho, cresce a importância de ter dentro dela um posto socialmente etiquetado. Nesse contexto, muito religioso que se considerava um zero à esquerda, começou a sentir-se gente, ao adquirir uma profissão. É o seu lado humanizante, realizador.

Profissão exige e pede preparação para seu exercício. Entra-se numa roda-viva de

<sup>5</sup> L. W. Storch – J. R. Cozac, *Relações virtuais: o lado humano da comunicação eletrônica*, Petrópolis: Vozes, 1995.

cursos e títulos para adquirir sempre maior credibilidade diante da sociedade e assim obter êxito e remuneração. Ela não suporta fracasso. Cessa quando a pessoa se torna incapaz de exercê-la por causa de idade, doença, aposentadoria. Não resiste ao tempo. É fortemente condicionada por fatores externos à pessoa.

Investe-se na profissão para um determinado tempo. E atualmente a mobilidade profissional é tão grande que as pessoas devem continuamente estar aperfeiçoando ou mudando de profissão ou mesmo exercendo mais de uma simultaneamente. Combinam-se atividades que outrora pertenciam a uma determinada especialidade, criando profissões híbridas. Ao mesmo tempo, caminha-se para especializações ultra-sofisticadas como para profissões abrangentes. E o religioso tende mais para essa segunda categoria, não faltando, porém, aqueles que se dedicam a um ramo bem setorizado. No entanto, todos sofrem da instabilidade profissional presente. Ela tem sido um divisor de águas em relação à capacidade criativa das pessoas. Aquelas que não se situam em tal mobilidade, terminam amargando um desemprego ou aposentadoria antecipada. As criativas navegam bem nessas águas. Na VC, sob o aspecto profissional, encontra-se essa dupla categoria: desempregados crônicos e sujeitos inventivos.

A vocação, por sua vez, passeia pelo mundo da gratuidade. A motivação vem do interior. Ela revela um "mais" em qualquer atividade que a pessoa exerça. Nas situações mais adversas, como doença e velhice, a vocação persiste, ainda que seja sob a única forma da oração e entrega da vida. Tem o caráter de perenidade, próprio da confiança em Deus.

Vocação e profissão não são duas coisas díspares, mas duas dimensões diferentes da atividade humana com distintivos específicos. A identidade do ser religioso implica uma relação própria entre as duas e vê-se ameaçada quando a profissão se sobrepõe à vocação.

O primordial vem da vocação. Ela dá sentido e motivação à profissão e não vice-versa. A VC lê a competência profissional a partir e em função da vocação e não como uma realidade autônoma. Reconhece, sim, a sua relevância para a dignidade humana do religioso e para sua missão apostólica, mas antes como meio do que como fim.

Resumindo: A profissão e a vocação se distinguem, embora se articulem. A sociedade atual preza tanto a profissão que ela se torna critério da valorização da vocação. Daí crises contínuas. O caminho formativo parece ser o inverso: ler a profissão em vista da vocação segundo o critério inaciano do *tantum quantum*. Tanto mais profissão quanto mais ajuda à vocação e missão, sem descuidar também o lado humano realizador do religioso.

### **5. Falibilidade do Magistério: perda da fonte de garantia**

A VC, sobretudo no modelo exterior, recebeu e continua recebendo do magistério da Igreja enorme incentivo para manter sua identidade. Em termos de documentos oficiais, existe elenco interminável de apoio da Igreja oficial à VC, desde os Concílios, e ultimamente o Concílio Vaticano II, passando por encíclicas e outros escritos pontifícios até as declarações de Igrejas continentais, regionais e locais. Também as novas formas de VC têm recolhido semelhante recomendação.

Talvez hoje, bem no interior dos religi-

osos/as e no seio das comunidades, as recomendações externas das autoridades eclesiais já não soem com a mesma força de antanho. Na pós-modernidade acontece uma perda de credibilidade das instituições formais e, portanto, da relevância de sua aprovação. No caso da Igreja católica, constata-se crescente diminuição da sacralidade do magistério, mesmo na sua forma suprema. Em outros momentos, os ataques contra sua credibilidade vinham dos inimigos. Eles terminavam por reforçá-la.

A novidade do momento atual consiste em que o próprio magistério reconheceu sua fragilidade e erros históricos, alguns graves e contra os direitos fundamentais do ser humano. Recordemos o gesto de João Paulo II pedindo perdão pelos erros da Igreja na celebração penitencial da quaresma no início do milênio. Apesar da beleza evangélica do gesto de humildade, honestidade e transparência, em termos de exterioridade produz-se um desgaste da intangibilidade da Instituição. Pois gera certa insegurança. Se se errou no passado e gravemente, pode-se também errar da mesma maneira no presente. Assim afirmações peremptórias, que ontem eram garantia absoluta de verdade e credibilidade, hoje deixam uma sombra de suspeita: “quem sabe”...

González Faus alerta-nos, desvelando diante de nós tristes medidas tomadas pelo magistério da Igreja nos séculos passados. “A autoridade e o Magistério ordinário da Igreja se equivocaram bastantes vezes. Além disso, se equivocaram em assuntos importantes, em relação aos quais as posições contrárias parecem hoje mais evidentes. Outras vezes se equivocaram apesar de

linguagens e palavras muito solenes com as quais tratavam de exprimir sua convicção e a força de seus ensinamentos. E, finalmente, se equivocaram com mais aparato e mais frequência nos últimos dois séculos. Embora esta última conclusão não fique evidente apenas pelos textos apresentados, parece-me que eles conservam a proporção do conjunto, a exemplo do que costuma acontecer com amostragens de uma pesquisa”. Esta constatação guarda relação com outra feita pelo mesmo autor. Nos últimos séculos, houve uma “inflação” magisterial”<sup>6</sup>.

## V. Respostas aos desafios

Diante dos fatores provocadores da crise de identidade, que pistas de saída encontrar?

### 1. *Formar para o modelo sacramental*

O modelo exterior não responde à consciência de modernidade e pós-modernidade que valoriza a interioridade e autonomia das pessoas. O modelo interior corre o risco de degenerar-se num subjetivismo e arbitrariedade mortais para a VC. Empenhar-se em reforçar os sinais externos da VC, tão ao gosto de uma geração insegura e formada na cultura midiática da aparência, pode ter um sucesso imediato, fascinante e estatístico. Não responde, porém, ao mais profundo da VC e é-lhe perigosa deturpação.

Se o caminho da visibilidade se mostra, à primeira vista, de maior sucesso, a escolha pela via oposta da interioridade traduz a maneira clara da discordância. Mas também não promete futuro. O caminho da intimidade é incontrolável e perde-se num esfacelamento insanável.

<sup>6</sup> J. I. González Faus, *A autoridade da verdade: momentos obscuros do magistério Eclesiástico*, São Paulo: Loyola, 1998, p. 197.278.

Portanto, parece ser o caminho a construção do modelo sacramental. Para tanto, cumpre-lhe dupla tarefa. Diante da fluidez do modelo interior, que se alimenta da pós-modernidade, oferecer parâmetros suficientemente firmes e bem fundados. Diante da exterioridade que se reforça pela via da autoridade, ir às fontes da VC. Aprofundemos essa proposta.

#### *A. Diante da pós-modernidade fluida*

O modelo interior responde bem a imperativos da pós-modernidade. Esta alimenta-se do prazer, da experiência subjetivista, emocional. O modelo sacramental responde com um aprofundamento da realidade central do Cristianismo: a dialética do amor que consiste no dom de si como realização do eu e do outro. Recordemos Santo Inácio: "o amor deve pôr-se mais em obras do que em palavras"; "o amor consiste na comunicação mútua"<sup>7</sup>. Trata-se de entender o amor como obra, como comunicação mútua dos dons e não como fruição egoísta e prazerosa, conforme o cânone pós-moderno.

O pensamento simbólico vai mais fundo. O amor gera para fora de si gestos, sinais distintos dele, mas que revelam para ele mesmo e para os outros a sua realidade. Alguém que amasse no silêncio absoluto dos sinais externos, numa interioridade sem nenhuma visibilidade, morreria com aquele amor e ninguém saberia dele. Talvez ele mesmo duvidasse se aquilo era amor ou alguma fixação. O modelo sacramental impõe ao modelo da interioridade a necessidade radical da objetividade externa, da manifestação visível. Uma VC que fosse

perdendo todos os seus sinais exteriores, acabaria ela mesma na morte de si.

Outro caminho consiste em articular a motivação e estruturas de apoio. A dimensão interior da motivação só consegue consistência se encarnar em realidades que implicam tempo e lugar. Em termos de experiência, uma dose de comportamentismo faz bem. Necessitamos de condicionamentos, só que arquitetados por livre decisão. A longa tradição espiritual conhece a importância do hábito na prática da virtude, adquirido pela repetição de atos exteriores. Santo Inácio, que transitou pela alta experiência mística e por revelações da Trindade de primeira grandeza, não temeu descer a pormenores de claridade e escuridão, como condicionamentos para a oração. O livro dos Exercícios Espirituais está salpicado de adições bem concretas em vista de uma contemplação mais profunda e interior. Maravilhoso equilíbrio entre a profundidade da alma no mistério e a cobertura visível dos sentidos.

O ídolo da juventude Renato Russo da década de 80 cantava: "Disciplina é liberdade". Outra articulação importante. A liberdade prezada altamente na pós-modernidade até as raias da libertinagem incontida recebe da disciplina a vinculação necessária. Assim ela se concretiza e não se perde na arbitrariedade. Costumo dizer para meus alunos: "O que não está no horário, não existe!" Bons propósitos que não encontram o quadro da instituição dissolvem-se no vazio da mera intenção.

Necessitamos trabalhar a disciplina, não como algo imposto de fora, mas como uma necessidade interior. É escola da vida.

<sup>7</sup> Santo Inácio, Exercícios Espirituais, nn. 230-231.

Por meio dela participamos da condição humana, da vida do comum das pessoas. É o realismo existencial, que nasce da exigência dos compromissos do cotidiano. Cabe valorizar tanto a motivação, a energia interior, a força utópica quanto a busca de mediação concreta, histórica. Como dizia Paulo Singer numa arenga às CEBs: forma-se a consciência com pequenas práticas bem sucedidas. Na perspectiva da VC, o religioso faz-se de si uma consciência concreta e integrada da sua condição de consagrado por meio de gestos, ritos, atos que manifestem para ele e para os outros essa situação. E isso se consegue verificar tanto pelo exame pessoal como pela ressonância de fora.

Resumindo, formar uma geração pós-moderna fluida implica reconhecer tal situação, valorizar a necessidade dessa subjetividade afirmada e reconhecida, para em seguida apresentar uma exterioridade que a balize.

### *B. Diante do retorno da exterioridade*

A pós-modernidade revela seu caráter paradoxal e até mesmo contraditório, ao supervalorizar exageradamente não só o extremo da interioridade – como vimos acima – como também a exterioridade lançada a todos os horizontes pela via midiática. Assim novas formas de VC carregam os sinais exteriores com o risco do fanatismo, do maniqueísmo, dividindo o mundo entre os puros e os impuros, os que assumem a exterioridade da VC e os que estão fora. Há uma sede de exterioridade distintiva por afirmação de reconhecimento social, de segurança pessoal e autovalorização.

Cabe encarrear tal busca de exteriori-

dade para uma experiência espiritual profunda de Deus, cultivando-a pela oração, pela prática da fé, esperança e caridade. Isso não é possível sem um mínimo cultivo do silêncio, sem um encontro com a própria interioridade. Há uma pedagogia da solidão, que não é isolamento, nem incapacidade de comunicar-se, mas um retirar-se para ser enviado, uma refontização do espírito em face ao Mistério de Deus. É exigência última da natureza humana, da realização do eu profundo frequentar o mistério. Só nele se encontra o sentido da vida, com os sofrimentos e fracassos.

A reflexão sobre o símbolo traz também luz nesse ponto. O mistério da interioridade, como vimos, desemboca no símbolo real, ao produzir exteriormente um diferente de si, mas que o faz verdade para si e para os outros. O símbolo, por sua vez, conduz ao mistério. Não é um sinal vazio, mas carregado do mistério de que é manifestação. Toda a exterioridade da VC não se constituiu do nada, da superficialidade, da ausência, mas brotou da experiência fundante, mística.

A VC é impensável fora da experiência do mistério. K. Rahner tem contribuição inestimável na compreensão, revalorização e vivência do mistério. Vai ao cerne da questão quando nos aponta para o verdadeiro e único mistério de nossa fé. “Mistérios, em verdade, propriamente absolutos somente se dão na própria comunicação de Deus na profundidade da existência – chamada graça – e na história – chamada Jesus Cristo –, pontos em que já está implicada a Trindade econômico-salvífica e imanente. E este mistério único pode chegar muito bem até a proximidade do homem, se este

se entende como o que está referido ao mistério, que chamamos Deus"<sup>8</sup>.

A beleza, profundidade e atualidade de sua reflexão consiste em relacionar o mistério de Deus com o mistério do ser humano. O ser humano se encontra aberto sempre de antemão para a totalidade incompreensível da realidade e dentro dela para seu fundamento, que é Deus, o Mistério absoluto. Acontece uma vinculação histórica da constituição humana com o Salvador absoluto e o significado de Deus, que, enquanto Mistério absoluto e santo, suscita a realidade, fazendo-a tender para Ele. O homem é a capacidade de aceitar ou rechaçar a Deus: este é seu mistério. Por isso, o ser humano é estruturalmente correlato ao mistério, é mistério porque em sua natureza é referência ao Mistério<sup>9</sup>. A transcendentalidade do ser humano aparece como "transcendência aberta para o mistério absoluto de Deus que é proximidade absoluta de perdão". Deus significa o Mistério silencioso, absoluto, incondicionado, incompreensível. Evoca, em sua infinita distância, aquele horizonte para o qual se dirige, em seu conjunto, e desde sempre, de um modo incompreensível e não manipulável, a compreensão das realidades particulares, suas relações mútuas e nosso trato ativo com elas. Este horizonte continua permanecendo calado, continua na sua mesma distância, quando termina e se acaba toda compreensão e toda atuação que estão vinculadas com ele"<sup>10</sup>. O ser humano é

uma natureza indefinível, vazia, cujo limite é a referência ilimitada ao Mistério infinito da plenitude"<sup>11</sup>.

Essas breves referências a K. Rahner apontam para o mistério de Deus infinito e absoluto que se relaciona conosco, que também somos mistério, arrancando-nos tanto do narcisismo quanto da superficialidade exterior da pós-modernidade.

A liturgia, na sua pedagogia do mistério como verdadeira mistagoga, oferece excelente contribuição para que a VC não se perca na pura exterioridade. Ela o faz de modo excelente, ao conjugar o símbolo visível com a realidade da graça que nela se realiza. Tanto mais importante tal educação quanto mais se vive a invasão da exterioridade gritante do mundo midiático. Faz-se mister cultivar a experiência de Deus em profundidade, o silêncio e viver uma liturgia que celebre o mistério na exterioridade dos símbolos.

## 2. Voltar às fontes diante do esgotamento

### A. Sintomas de esgotamento de formas clássicas do Cristianismo, Igreja e VC

Além de formar para o modelo sacramental, impõe-se também uma volta às fontes primigênicas da VC. Ela se torna premente por evidenciar-se o fato do esgotamento de muitas expressões culturais do cristianismo, da Igreja e da VC. Fato que se evidenciou na esteira do fenômeno da des-

<sup>8</sup> K. Rahner, Curso fundamental de la fe. Introducción al concepto de cristianismo, Barcelona, Herder, 1979, p. 29: preferi seguir a tradução do castelhano como nas outras citações de K. Rahner.

<sup>9</sup> K. Rahner, Curso fundamental...p. 258.

<sup>10</sup> K. Rahner, Gnade und Freiheit. Kleine theologische Beiträge, Friburgo, 1968, p. 19, citado por H. Vorgrimler, Karl Rahner, Experiência de Dios em su vida y em su pensamiento, Santander, Sal Terrae, 2004, p. 194s.

<sup>11</sup> K. Rahner, Curso fundamental...p. 259.

colonização que atravessou sobretudo os países da África de modo que a Europa perdia sua força de dominação. Os efeitos devastadores das duas guerras mundiais terminaram por deslocar a hegemonia europeia para a América do Norte. Mais recentemente o desmantelamento do mundo socialista e a nítida fragilidade do capitalismo na sua última forma de neoliberalismo apontam para a crise das duas grandes estruturas econômicas gestadas no Ocidente.

Agravando ainda mais o esgotamento do Ocidente, em vez de colher o fruto sazonado e maduro da modernidade, estamos a morder os sabores pútridos e amargos da razão instrumental e da subjetividade desvairada. Os monstros da guerra, dos campos de concentração, das câmaras de gás, da violência disseminada por todas as partes, da droga mortífera, da louca indústria bélica, do vazio existencial de sentido mostram à evidência uma crise sem igual na história da humanidade.

O cristianismo misturara-se de tal modo com tal cultura para bem e para mal, participando de suas conquistas e agora de seus revezes. Por isso se lhe achacam os seus vícios especialmente quando surgem no horizonte vindas do

Oriente com vigor tradições religiosas antigas e novas, ao lado de uma desagregante secularização do cristianismo europeu.

No coração do cristianismo está a Igreja católica. Ela tomou consciência mais claramente de tal fenômeno de crise da cultura ocidental e do cristianismo no Concílio Vaticano II e a partir dele os sinais de esgotamento se multiplicaram. Ficou mais patente seu caráter estatisticamente minoritário numa humanidade de bilhões de habitantes que não conhecem a Jesus Cristo. E mesmo no seio da antiga Cristandade

cresce o número daqueles que perdem a memória do passado religioso, partindo para o ateísmo, agnosticismo e indiferentismo.

Ficou-lhe claro também na saída do Concílio que sua forma eurocêntrica, romana já não responde a uma Igreja universal. Impõem-se o programa da inculturação e uma nova posição diante do sincretismo. E muitos outros abalos se produzem no seu interior, levando à tela de juízo a maneira como ela exerce o ministério ordenado, o celibato obrigatório, a compreensão da sexualidade e da moral familiar.

O próprio Concílio Vaticano II, portanto, embora predominantemente produzido pelos teólogos e bispos centro-europeus, terminou por gerar um movimento no interior da Igreja que ultrapassou essa visão eurocêntrica, para deslocar a Igreja para as periferias do III Mundo. Em primeiro lugar, estatisticamente, mas, em breve, teológica e pastoralmente.

Em toda essa movimentação, a forma clássica da vida consagrada é questionada, criando espaço para o surgimento de novas formas religiosas. Estas ligam-se, em parte, aos novos movimentos religiosos com tipo de vinculação original e plural. Desenvolvem uma pluriconcentralidade. Em torno do centro fundador, giram grupos crescentes de membros que a ele se ligam por laços diferenciados, desde os votos e a estrita obediência até a fluidez de simpatias eletrônicas.

Fato de incontornável clareza mostra o surgimento de novas formas religiosas que escapam a qualquer institucionalização. Multiplicaram-se os grupos de pessoas consagradas de ambos os sexos, vivendo celibatariamente ou em matrimônio, ora sob o mesmo teto, ou sob formas de muita proximidade existencial e apostólica, refletindo jovialida-

de e alegria de viver. Outras pessoas consagradas ligam-se a movimentos mundiais, com sede nos países centrais e uma plêiade de outros movimentos de corte espiritualista, renovador, carismático, missionário está a surgir em nossas regiões do III Mundo.

O nítido deslocar da clássica VC para essas novas formas tem produzido perplexidade nos órgãos centrais da Igreja, ora de aprovação, ora de suspeita receosa. Em relação sobretudo aos movimentos internacionais italianos e espanhóis mostram tais instâncias nítida confiança, apoiando-se mais no vigor desse novo que nasce e esperando menos dos vetustos troncos antigos.

Resumindo, dentro de um horizonte mais curto que os anteriores, a VC vê-se profundamente abalada pelo surgimento dos novos movimentos eclesiais com formas mistas de vida cristã além do desgaste inerente à crise da cultura e Cristianismo ocidentais, e do caráter eurocêntrico e romano da Igreja. Sofre também de certa desconfiança oficial.

### **B. Necessidade de voltar às fontes**

Os sintomas e o fato dum esgotamento amplo que envolvem a cultura e o Cristianismo ocidentais, a Igreja católica e a VC estão aí. Cada uma dessas instâncias é chamada a um movimento de retorno as suas fontes. Aqui nos toca pensar a VC.

Isso significa percorrer as fases de desenvolvimento da VC, descobrir os momentos de inflexões, analisá-los e criticá-los à luz dos dados presentes, percebendo os que hoje nos parecem desvios e retomar a inspiração evangélica primigênia.

Essa tarefa é gigantesca em termos de VC.

Cada congregação poderá fazê-lo a respeito de seu desenvolvimento, desde o momento inicial fundador até hoje, captando os pontos de inflexão e de eventual extravio, para voltar à inspiração primigênia.

Seria longo e ultrapassaria de longe a pretensão de um artigo ir detectando os estrangulamentos da VC clássica nos últimos tempos e essa sensação de exaustão, ao lado, do surgir das novas percepções.

Telegraficamente indicaria com uma série de palavras-chave esse fenômeno: nivelamento canônico dos carismas, aburguesamento crescente da vida comunitária com uma distância crescente entre o teor de vida dos religiosos do comum das pessoas simples e pobres, perda da seiva contemplativa em prol de práticas espirituais rotineiras, peso gigantesco das obras à custa da criatividade missionária, envelhecimento dos membros sem a necessária entrada de novas gerações, adaptação condescendente às formas de vida da modernidade consumista e hedonista mesmo nos países pobres. É diante desse lado sombrio da VC clássica que as novas formas apresentam um vigor de oposição, ora de vida e prática, ora verbal e acusatório.

Como enfrentar essa situação? Cabe retomar alguns dos pontos fulcrais da VC e repropô-los. A VC apresenta-se fundamentalmente como seguimento de Jesus. Aí ela encontra toda sua inspiração. Esse tema tem merecido estudos detalhados e aprofundados. Referimo-nos, de modo especial, aos textos de Jon Sobrino, que foram, por sua vez, reestruturados de modo original e pessoal na obra da Ir. Vera<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> V. I. Bombonato, Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.

Algumas balizas do seguimento de Jesus podem ser aqui lembradas. Não se trata fundamentalmente de deter-se na dogmática cristológica, embora sempre importante, mas na figura do Jesus palestinese que a exegese moderna vem recuperando cada vez mais de dentro do querigma primitivo. E nele aparece a centralidade do Reino de Deus e do Deus do Reino. E aí nos encontramos com o papel único e singular do pobre, do excluído, do pecador, como destinatários primeiros do Reino e amados preferenciais de Deus. No seguimento de Jesus, o religioso reencontra a figura do pobre em sua limpidez e exigência. As formas históricas do pobre se sucederam, mas em todas permaneceu a realidade da carência básica em relação ao bem da vida. Hoje, o sistema neoliberal, os aproxima ainda mais da morte. Contra esse pano de fundo, de um pobre condenado prematura e injustamente a não viver, a não ser aceito pela sociedade, impõe-se ao religioso um seguimento de Jesus bem próximo dele.

Parece evidente que qualquer refundação, renovação ou revigoração da VC passa pela relação com os pobres. Não é uma questão teórica sobre a pobreza, que preocupou praticamente a todo fundador de congregação religiosa. Mas trata-se da relação com a pessoa do pobre físico nas suas formas antigas e atuais. Circulam pelo mundo milhões e milhões de exilados, de fugitivos de seus países por razões múltiplas: econômicas – pobreza, desemprego, conflitos étnicos, religiosos, guerras intestinas e conduzidas por grandes potências. Tudo isso acontece em pleno dia aos olhos de todos. Essas massas buscam os países ricos que, por sua vez, fecham e controlam cada vez mais as fronteiras. Uma VC cega a esse fenômeno

de escala mundial passa como o sacerdote e levita à margem do ferido. Não entendeu a parábola do bom samaritano, que se tornou o ícone do Congresso Mundial da VC em Roma de novembro de 2004.

A VC não vive somente no meio desse novo pobre, mais sofrido ainda do que pobres de outros tempos. Ela está plantada em plena pós-modernidade crescente. Um dos traços desse momento cultural é o cepticismo, o tédio, o vazio de sentido, o enjôo existencial no horizonte de futuro. Nada parece mobilizar as pessoas. Concentram todas as energias no “carpe diem” – busque o gozo do momento presente. Nisso fecham-se em triste narcisismo e materialismo.

Sustentando esse materialismo narcisista estão as estacas da felicidade química e do cuidado esmerilado do corpo. Diante da mínima dor física e do mais pequeno incômodo psíquico, lança-se mão de antidepressivos de fácil acesso. Vive-se a euforia permanente dos prozacs. Não se suporta o mistério de si mesmo, a solidão do afeto, o fracasso, qualquer sofrimento. E numa mesma linha, o corpo recebe os cuidados que antes se davam ao espírito. Ironicamente comentava Frei Betto que antigamente abundavam as livrarias e bibliotecas e apenas se conheciam as academias, e hoje se fecham as primeiras e multiplicam-se as segundas.

E tal clima atinge de cheio os jovens. Eles se fazem extremamente sensíveis ao duplo culto da felicidade induzida e do corpo malhado. Junto a eles, a VC pretende encontrar seguidores, se não quiser desaparecer. Que fazer? Espera-se dela um duplo anúncio não só em palavras, mas sobretudo em estilo de vida.

A primeira mensagem é de esperança. *Spes contra spem*. Esperar contra toda es-

perança. A jovialidade alegre do religioso, o entusiasmo por seu teor de vida, a entrega feliz à missão irradiam esperança junto aos jovens que envelheceram precocemente, esvaziaram a vida de sentido e perdem-se na ociosidade sem tarefas relevantes.

As relações que muitos jovens estabeleceram entre si murcharam e lá se foi o frescor do amor para descambarem num mero usufruir do corpo do outro. Aprenderam muito de sexo e desaprenderam o amor. É aí que a VC jovem tem muito a anunciar. A novidade do amor puro, que atravessa a vida de muitos grupos de rapazes e moças consagrados sob o mesmo carisma e em proximidade de trabalho e moradia, mostra o milagre da pureza quando esta parecia azedamente condenada ao esquecimento.

Não sejamos, porém, ingênuos nem românticos. Há retornos perigosos em ambos os extremos. Voltam as cantilenas moralizantes e repressivas de outros tempos e colorem-se de pureza verbal relações ambíguas. Continuará sendo desafio permanente o equilíbrio maduro nas relações, nos encontros, sobretudo de gerações jovens de afetividade aberta e a flor da pele, onde o discurso escuro do medo pode infiltrar-se ou o lirismo verbal equívoco.

A esperança e o amor em formas renovadas são sinais de uma aurora que desponta, escreve J. Delumeau<sup>13</sup>. Nas horas de maior crise, voltamos aos elementos fundamentais e primeiros. Quando tudo parece bambolear, concentramos os esforços nos pontos fixos da existência. Esperança e amor são as duas realidades mais importantes para a existência humana. Vale re-

cordar mais uma vez a figura agigantada de K. Rahner. Depois do Concílio Vaticano II, na primeira conferência pública que fez em Munique, dizia: "tudo o que se faz na Igreja, tudo o que é institucional, jurídico, sacramental, toda palavra, toda ação, bem como toda reforma de qualquer elemento eclesial, em última análise, - se retamente entendido, e não com ressaibos de egolatria -, é tudo um serviço, puro serviço, mera oferta de ajuda em favor de algo inteiramente diverso, algo de todo simples e, por isso mesmo, inefavelmente difícil e sagrado. Este algo é a Fé, a Esperança e o Amor, a serem instaladas no coração dos homens. Para usarmos um exemplo tirado da ciência profana, podemos dizer que acontece aqui coisa muito parecida com o processo de extração do radium. Sabe-se que é necessário escavar uma tonelada de minério de urânio para se obter 0,14 grama de radium. E, não obstante, paga a pena fazer-se tal esforço". "É que também um Concílio procura o coração do homem, o coração que, crendo, esperando e amando, cede e se entrega ao mistério de Deus. Não fora assim, o Concílio não passaria de uma horrível representação teatral e de uma autolatria do homem e da Igreja"<sup>14</sup>. Vale do Concílio como da VC no momento atual o que Paulo diz no canto da caridade: "E se possuir o dom da profecia e conhecer todos os mistérios e toda a ciência e alcançar tanta fé que chegue a transportar montanhas, mas não tiver a caridade, nada sou" ( 1Cor 13, 2).

A dimensão agápica da VC é seu maior sinal de credibilidade. "Só o amor é digno de fé", escrevia H. von Balthasar. O reju-

<sup>13</sup> J. Delumeau, Guetter l'aurore. Paris: Grasset, 2003.

<sup>14</sup> K. Rahner, Vaticano II: Um começo de Renovação, São Paulo, Herder, 1966, p. 45.47s.

venescimento da VC depende dos sinais de amor que souberam manifestar no seu interior e para fora dele. Num mundo extremamente comercializado, fundado no interesse, no lucro, naquilo que se vai ganhar, a gratuidade rompe como verdadeira manhã luminosa de outra sociedade. Nos inícios de todo ramo religioso genuíno está ela presente. Onde qualquer interesse econômico se imiscui, perde-se a transparência das águas originais. O sistema e a mentalidade econômicos de hoje dificultam altamente aos religiosos viverem e testemunharem a gratuidade. É raro e difícil. Cabe reinventar-lhe novas formas. É com certa vergonha que se constata como muitas congregações só se fizeram “generosas” interessadas na filantropia do governo. Algo aí anuncia antes a decadência da VC do que o vigor.

Em estreita vinculação com a gratuidade está o espírito de serviço e de pobreza. Ambos – serviço e pobreza – oferecem o ângulo sob o qual se deve retomar de modo novo a relação profissão e vocação. O espírito de serviço é a qualidade que qualquer trabalho profissional e atividade de um religioso deve manifestar. É a vocação que dá um toque de graça e de beleza espiritual à profissão.

O espírito de pobreza e de simplicidade é a resposta da VC ao consumismo. Conta-se que quando de uma passagem por um shopping, o P. Arrupe comentava: “De quanta coisa não necessito!”.

Mais: a VC mantém uma ineludível dimensão escatológica. Ela oferece ao religioso, ao mesmo tempo, a espantosa liberdade diante do presente e o empenho sem limite nesse mesmo presente. Porque dentro dele existe o definitivo para além da

história. O definitivo, o eterno não são dimensões que se acrescentam ao real, ao presente, mas que o atravessam e que ultrapassam o tempo. O definitivo começa no presente. Só será o que foi.

Um último ponto. Parafraseando K. Rahner que disse: “creio porque rezo”, somos religiosos, porque rezamos. A experiência da oração alimenta a VC. Sem ela a fonte seca. Qualquer volta às origens da VC implica um visitar novo e fresco às águas puras da oração.

Resumindo: a identidade do ser religioso se constrói com maior clareza diante de um diferente, cuja diferença se quer marcar. No caso se trata de uma cultura ocidental que entrou em crise. E arrastou consigo o Cristianismo e dentro dele a Igreja católica. Torna-se difícil formar uma identidade num momento de cultura cambiante. Nesses momentos, os pontos basilares aparecem com maior clareza: seguimento de Jesus, dimensão escatológica, agápica e diaconal em espírito de pobreza da Vida Consagrada com o tema clássico da oração.

## Conclusão

Como já tratei desse tema na Assembléia anterior, cujo texto já foi publicado, procurei ver outros aspectos, sem negar os já vistos. Eles continuam como referência<sup>15</sup>.

A identidade do ser religioso encontra-se diante de três modelos. Um acentua a exterioridade, outro entrega o religioso a sua interioridade e um terceiro parte da intuição da realidade “sacramentum”, articulando dialeticamente a exterioridade e interioridade de maneira profunda. Para isso, responde às insuficiências de cada

<sup>15</sup> J. B. Libanio, A identidade da vida consagrada e o contexto atual, in *Convergência* 38 (2003), n. 367, pp. 526-545.

modelo anterior e procura captar-lhes os elementos positivos e criar novos. Enfrenta também vários fatores desestruturantes como o medo à liberdade e à responsabilidade, a perda da consciência histórica, a ideologia neoliberal e midiática, a confusão entre profissão e vocação, a diminuição de credibilidade de instâncias normativas romanas que, por sua vez, não mostram muito apreço para a vida consagrada clássica em prol das novas formas religiosas. O modelo sacramental responde a uma pós-modernidade fluida e a um retorno expressivo da exterioridade no campo reli-

gioso. Para tal, provoca uma volta às fontes diante da crise de esgotamento da cultura e Cristianismo ocidentais, da Igreja eurocêntrica romana e da Vida Consagrada clássica. Nesse cenário tentei mostrar o significado, a relevância e a facticidade da identidade do ser religioso.

---

J. B. Libanio. Teólogo. Professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo-Horizonte. Assessoria teológica em nível nacional e internacional. Várias obras publicadas.

Endereço do autor:

Caixa Postal 5047 CEP: 31611-970

Belo Horizonte - MG

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

1. Em termo de intelecção teórica, como compor uma identidade necessária para a vida consagrada com o momento de esgotamento do Cristianismo ocidental, de formas clássicas religiosas e de uma perda de força autoritativa das instâncias romanas em relação à geração jovem?
2. Em termos de experiência, como percebo o duplo movimento em tensão de uma busca de exterioridade religiosa e de uma concentração narcisista individualista?
3. Em termos de ação, que práticas concretas, viáveis, se nos apresentam para formar os jovens no modelo sacramental?

**“A modernidade avançada tem embaralhado as realidades de vocação e profissão com conseqüências para a identidade do ser religioso.”**

# A convivência de jovens e de mais idosos na vida religiosa

BERNARDINO LEERS, OFM

Com seu ritmo de vida cada vez mais acelerado e a aglomeração mais densa da população, a sociedade mundana conhece muitas dificuldades e tensões entre jovens e pessoas mais idosas. Conflitos de gerações são freqüentes e não param diante das portas das casas de religiosos e religiosas, repercutindo profundamente em seus institutos.

## Dinâmica e estabilidade

O termo pós-modernidade é uma palavra densa de sentido. De um lado, anuncia uma nova época histórica de mudanças das mentalidades, atitudes sociais e das estruturas da convivência humana na Mãe Terra comum, e doutro, indica que o perfil do mundo transformado ainda não se libertou de seu passado para merecer um nome independente. Se alguém constrói uma casa nova, é relativamente fácil fazer a mudança da velha mal conservada para a nova mais confortável. No processo em caminho da pós-modernidade, o grave problema é que o edifício cultural, social, político, econômico e religioso do mundo humano há de ser feito pelas pessoas que continuam a morar no mesmo edifício que já não é mais viável.

Dentro deste mundo em construção também a Igreja e seus institutos religiosos se movimentam e caminham. Na troca contínua de pessoal, os velhos estão saindo e os novos estão entrando: lugares ocupados são

abandonados e novos lugares procurados ou reassumidos com outros jeitos de viver, agir e trabalhar. Quantos odres rebentaram pela fermentação de vinho novo e quantos panos velhos rasgaram exatamente ao lado das novas emendas, é impossível de calcular e impossível de prever. A vida humana é isso mesmo. Não se repete e é sempre uma mistura de coisas que dão certo e coisas que fracassam. Em ambas as situações há pessoas satisfeitas e vítimas, como a experiência histórica pelos séculos demonstra. Risco sempre há, valendo a palavra de Jesus: quem está de pé cuide de não cair.

## Experiência e experiência

Experiência é uma palavra muito comum hoje em dia e facilmente é invocada por quem quer mostrar saber das coisas. Muitos anos de experiência talvez não digam tanto, se a acumulação do tempo apenas expressa a repetição da mesma experiência do primeiro período em que uma pessoa começou a trabalhar na área da formação. Os tempos mudam, pessoas mudam suas maneiras de agir e conviver. Outras há que nem percebem a poeira da rotina e vivem cada vez mais sua vida para trás, só vivendo, falando e fazendo o passado que já devia estar bem enterrado no cemitério

A qualidade da experiência é outra coisa. Com senso crítico e, por favor, auto-crítico, a caminhada que depende da pes-

soa em sua função começa a variar, convivendo com outras pessoas, de proveniência cultural, religiosa e idade diferentes, refletindo com outros sobre os efeitos da educação, enquanto são percebíveis. Longa talvez em anos, a experiência do autor é limitada e mui limitada. Sempre cumpri a mesma tarefa de ser professor de teologia moral, primeiramente só entre estudantes franciscanos e depois para clérigos de vários institutos religiosos e do clero secular. A área de serviço ficou restrita praticamente ao eixo Divinópolis - Belo Horizonte. No primeiro período (1952 -1967) estudantes e professores moravam na mesma casa com um regime comum, mas os estudantes tinham seu próprio mestre formador; a liderança da casa era comum e a convivência dava muita oportunidade de contatos dentro do sistema vertical da hierarquia dos padres. Depois começou a separação da moradia, com os estudantes e seus formadores separados dos professores que lecionavam em institutos de filosofia e teologia e não moravam mais juntos, porque eram também de institutos religiosos diferentes. A consequência foi que professores e estudantes somente se encontravam na sala de aula.

### **Equipe de formação ou dos formadores?**

Aqui a primeira área de problemas se apresenta e tem sua repercussão na eficiência. Parece, se não me engano, que geralmente os professores são uma "categoria" separada dos formadores, mestres espirituais que são de contato direto com os formandos que começam a caminhar no instituto específico, sua estrutura, forma

de vida, constituições, regras e espiritualidade mais ou menos típica. Do professor exige-se competência na matéria que está contratado a dar. Sua responsabilidade é comunicar a matéria programada, procurar envolver os estudantes pelos assuntos a tratar, organizar debates, dividir tarefas de estudo e assim mais.

Sua autonomia de elaborar e apresentar uma temática moral, por exemplo, encontra duas fronteiras, às vezes muros: a doutrina oficial das autoridades da Igreja e as visões e atitudes do formador.

Por falta de contato direto, o formador desconhecido ouve seus clérigos falando sobre o professor ou sobre a matéria dada. Ele tem sua cabeça, caráter e posições tomadas, mas seria curioso, se em caso de conflito não procurasse o professor que falou o quê, em qual contexto. Marcação de pessoas não é novidade na Igreja católica e a teologia moral é fiscalizada com os mil olhos de Argus. O formador trabalha e serve numa outra perspectiva de educação e amadurecimento de pessoas que entram no instituto de que ele participa já há mais tempo. Ninguém pode exigir dele que tenha um conhecimento atualizado e vasto que um especialista tem, enquanto é humanamente possível.

Que as autoridades gostam de ver todo o "rebanho" unido no mesmo caminho e que as "ovelhas" gostam do pastor de vez em quando na relva ao lado, não é novidade. O dilema entre unidade e pluriformidade é tema sério desde o primeiro Concílio de Jerusalém. Símbolos perdem parte de seu valor atrativo, se a realidade é identificada simplesmente com eles. A Igreja tem como símbolo a vela que dá firmeza e constância no meio de tempestades e inse-

guranças da vida no mundo em que os cristãos e também os/as religiosos/as vivem, de que participam e prestam seus serviços. De fato, a comunidade do Povo de Deus tem sua história, séculos de desenvolvimento de estilos de viver, de avanços, discussões, dúvidas e procuras de soluções praticáveis diante dos desafios sérios que o mundo atual põe pelo sofrimento, a insatisfação, as injustiças e violências que são pratos feitos de todos os dias.

O individualismo, o medo e a intolerância são os obstáculos que impedem reuniões regulares, debates e diálogos entre as três "categorias": os professores, os formadores e os superiores dos institutos religiosos, mais representantes dos estudantes que freqüentam o centro de estudos. No passado, os grandes institutos tinham suas casas de estudos, em que as relações internas também não eram sempre bem lubrificadas, porque "dar nomes aos bois" para usar esta expressão rural, costuma ter turbulências emocionais. Às vezes entra o medo de colocar problemas reais preocupantes na mesa, deixando a cada um campo livre de agir como bem entende. Além desta atitude de deixar tudo correr, para ver como ficará, - que pode ser talvez um ato de prudência para conhecer melhor o problema -, está algo bastante tradicional, o rigorismo legalista. Conhece-se a lei e a lei há de ser observada e, para manter seu poder, esquece-se que a lei foi feita para o homem, e não o homem para a lei. Que a Igreja não impõe, mas propõe, é uma expressão bonita. Se a linguagem da documentação moral é uma verificação histórica desta frase é uma questão mais difícil de responder.

Em nível de instituto ou ambiente lo-

cal de um instituto central de filosofia e teologia, reuniões com pauta bem marcada e respeitada podem ajudar cada categoria a clarear horizontes, resolver conflitos e aproximar os/as religiosos/as envolvidos(as) na missão comum de formação, respeitando a "jurisdição" de cada um. Freud projetou no mundo moderno o simbolismo do bode expiatório. É interessante de observar este ritual em reuniões que tratam do assunto da formação. A vida religiosa institucional e sua formação conhece muitos problemas. E toda luz neste mundo tem sua sombra. Em vez de jogar a "culpa" sobre os outros, mais fácil ainda sobre o "mundo" e lavar suas próprias mãos, talvez seja melhor estudar juntos os sempre repetidos "desafios" do mundo. Talvez o melhor caminho seja olharem todos na mesma direção, o mundo de Deus e dos seres humanos, homens e mulheres, jovens e velhos que andam entre a entrada e saída deste "Paradise lost", o paraíso perdido como os pessimistas repetem nas tribunas.

## Jovens e jovens

O filósofo inglês Chesterton escreveu uma vez: para ensinar inglês a João precisa-se conhecer primeiro o João. Juventude é um nome coletivo que diz algo da idade, mas não comunica a variedade em caráter, história e experiência dos que pertencem a este gênero. Conhecer as qualidades, motivações, desejos e sombras de cada candidato é uma tarefa difícil, pois só pelas relações de convivência comunitária vão se revelando aos poucos pelo tempo. Na convivência, pelas conversas, a participação nos serviços e trocas de idéias e afetos, é que o outro vai se manifestando aos poucos, pois ninguém é sem

mais nem menos um livro aberto. Assim mesmo, errar é humano. Reconhecer seu erro é outro tanto.

As queixas e críticas aos jovens são enganadoras até certo ponto. Na memória das gerações mais idosas, reconstruída pelo tempo, a comparação entre ontem e hoje facilmente pende a uma interpretação negativa para com os novatos, embora sejam procurados para garantir a continuação do instituto. Tanto a cultura do consumo, bebidas, drogas e sexo, quanto a contracultura dos movimentos carismáticos e suas práticas estão do lado do estilo de vida e da linha tradicional disciplinada e fixada dos membros mais idosos dos institutos já sistematizados pelo tempo.

Um fator que complica a vida dos jovens é seu amadurecimento mais lento na convivência sócio-cultural de hoje. Eles são tão inteligentes e talentosos quanto seus pais e avós, quando jovens. Mas na medida em que a vida modernizada progride e se torna mais complexa, com mais possibilidades de opção, também vira mais exigente e prolonga o processo da inculturação e do equilíbrio. Com razão, a idade de se casar e formar família está aumentando e igualmente o tempo para a profissionalização dura mais. Se a hora da entrada na vida religiosa segue este ritmo, fica questão aberta.

A nova onda de consumismo e nova onda de sensibilidade religiosa não são simples produtos dos jovens. Jovens gostam de estar juntos, tais quais os idosos, porque a aproximação e as trocas entre pessoas da mesma geração costumam ser mais fáceis. Mas eles são dependentes, mais do que nunca, da geração que tem o poder e o capital a investir na sociedade. O mercado

de consumo, de bebidas, de drogas, de pornografia, de motéis, com o impacto da propaganda comercial não está nas mãos dos jovens. Os investimentos e a exploração estão nas mãos de pessoas mais idosas que condicionam a dependência das novas gerações com seus produtos, imagens e textos. Não vale o mesmo com a liderança de novas formas de religiosidade que fazem, às vezes, "lavagem cerebral"?

## **Desafios, necessidades ou conflitos?**

Há cinqüenta anos era comum ouvir o povo falar: "está do jeito que Deus quer" e mais destas coisas. Hoje em dia "estamos na luta". Desafio é uma palavra polida que nos lembra facilmente a figura mítica antiga de Hércules enfrentando um dragão de sete cabeças que, cortadas, cresciam de novo. Os desafios reais não são tranqüilos para muita gente e na paz costumeira das casas religiosas em que não falta muita coisa não perturbam necessariamente. Para quem vê a construção de sua fé desmoronar, cai num vácuo, fracassa no caminho escolhido, errou, não enxerga mais o sentido de viver, perdeu suas raízes, não tem futuro nem esperança ou prazer, o quadro muda. São milhares e milhares de pessoas em redor das casas religiosas que procuram e não encontram e deixaram de procurar. E dentro das casas religiosas, que fogo há?

Uniformizados ou de roupa comum, religiosos ou religiosas são "gentes", representantes do gênero humano com suas virtudes e defeitos, criatividade e limitações. Se, especialmente em ondas de crise supervisores, formadores e professores chegam uma ou outra vez a um bate-boca civilizado, o que a experiência humana

pode esperar, se o tema é os tais desafios da realidade de hoje? Na atualidade o carimbo “é comunista” e outros do gênero já não são mais usados, mas a variedade de visões, interpretações e atitudes perante a sociedade humana que mora de um ou outro jeito no planeta Terra é evidente, complexo e contrastante. Televisão, rádio, jornais e revistas entram nas casas dos/das religiosos/as; não excluem, porém, ingenuidade, superficialidade nem fanatismo e extremismo ou indiferentismo. Tudo quanto há de humano e demasiadamente humano...

Depois da onda do Deus morto e a crise dos cursos de reciclagem da vida consagrada, Deus voltou revitalizado num mercado religioso vasto e variado. As atrações e distrações da sociedade atual passam do consumo de álcool, drogas e sexo explícito, conforme a fórmula para “happenings” de entusiasmo religioso e identificação mística com árvores e estrelas. Há expressões religiosas para todo e qualquer gosto. Religião virou também consumo e marketing.

Embora o processo da secularização tenha reduzido muito o uso das inúmeras expressões religiosas que o povo mais idoso ainda conhecia, a palavra “Deus” não desapareceu do vocabulário de muitos jovens. O problema difícil é, qual Deus é presente ou vivido atrás desta palavra. Generalizações sobre uma juventude tão diversa, dinâmica e em pleno amadurecimento ainda são muito arriscadas. Mas talvez haja uma indicação nas músicas jovens, que umas vezes são românticas de amor, suaves como nuvens brancas no universo azul e outras vezes escondem atrás da violência auditiva, gritos de protesto, de angústia e incerteza, anseios de paz e justiça, que

transcendem a rotina vazia de tantos dias sem sentido ou animação. O que é verdade e o que é show; o que é raiz e o que é capim que secará amanhã?

Onde há sensibilidade por algo acima do humano de cada dia, este “Deus” não costuma ser colocado num relicário de vidro isolado, mas dinamiza a ação de fazer algo de bem. É o mundo dos gurus leigos que atraem jovens para prestar serviços além de orações, exorcismos e bênção de casas. A Ação Católica dos jovens foi destruída ou sumiu nos anos 60. O que há atualmente de movimentos jovens é geralmente de espiritualidade que se está definindo talvez sem muita ligação à estrutura clerical da Igreja. Como elementos provenientes destes ambientes irão se integrar na estruturação tradicional, regulamentada em pormenores dos institutos religiosos existentes, geralmente nos anos de formação sem trabalho ou pastoral para fora, pássaros que já começaram a voar, presos na gaiola?

## **A formação da consciência moral**

Num curso de teologia moral para religiosos em formação há muito assunto para pesquisa entre o povo e na literatura sócio-cultural, jornais, revistas, para alargar e aprofundar a própria convivência deles no mundo atual. Não bastam as definições globais de tradição manualista sem a explicação das normas e orientações, fornecidas por documentos e autores autorizados.

Nesta tática a finalidade não é simples aumento de conhecimento e compreensão presente e histórica de aspectos da vida do povo, mas sensibilizar os colaboradores aprendizes pelas necessidades, so-

frimentos e lutas das famílias e motivar o espírito de serviço e a maneira evangélica de viver e sentir com as populações que moram nas regiões em que o instituto tem suas casas e atividades.

É pena que tão poucas religiosas e leigas fazem curso de teologia, pois sua presença não só muda a esfera na sala e pode contribuir muito à sensibilização pela problemática do povo que, católico ou não, é metade de homens e metade de mulheres. De qualquer maneira pesquisas, debates, contatos e visitas ajudam a criar a consciência nos formandos do estado material seguro e protegido em que vivem de graça, em comparação com os jovens de fora, tantas vezes sem recursos, incertos de seu futuro, tão dependentes de encontrar e seguir seu próprio caminho pela vida e como não de lutar e arriscar para alcançar alguma coisa. O "Status Melhor" da vida religiosa sumiu com o Concílio Vaticano II, mas um confronto com a vida real de jovens que estão se fazendo e realizando no mundo duro de hoje serve para viver, que nobreza obriga, como diz o francês.

Para dinamizar a formação o professor precisa enfrentar o problema de vários estudantes que não têm interesse de estudar, não têm tempo, preferem outras coisas, têm outros gostos, nunca aprenderam a estudar ou ler um livro, página após página, fazer resumo com suas próprias palavras, receberam um ensino mui fraco antes de entrar no instituto religioso e muito mais. Acontece que para certos estudantes, os estudos teológicos não é apenas uma necessidade, um gasto de tempo para chegar ao que querem: a imposição das mãos. A teologia é apenas uma travessia desinteressante para passar ao outro lado,

a glória e o poder do padre. Que especialmente na cidade (80% da população) a pastoral exige competência intelectual, uma formação madura da própria consciência e firmeza na maneira de viver com os outros não parece impressionar bastante.

O que impressionou ao homem da roça uma vez foi que seu filho tinha de estudar seis anos para celebrar Missa. Já bastante tempo, a formação sacerdotal foi fixado "orbi et orbi", para todo o universo da Igreja em dois a três anos na filosofia e quatro anos na teologia, uniformizando a formação e o tipo de padre para todas as culturas, situações e tarefas. Na reforma da diocese de Milão depois do Concílio Tridentino um sistema foi introduzido de três tipos de padre, que receberam formação mais simples ou mais complexa conforme as várias necessidades pastorais. Sumiu na história. no Brasil a falta de padre para "celebrar a Missa" foi resolvido bem ou mal pela importação maciça de clero estrangeiro.

Por que não pensar numa graduação de formação sacerdotal também para atender melhor às necessidades de fé e práxis moral de um povo tão diferenciado que é o povo do Brasil? Esta pergunta provoca outra: como adaptar melhor o curso de formação filosófica e teológica às funções pastorais que, de fato, os religiosos dos diversos institutos estão realizando ou pretendem praticar?

### **Ética do exemplo ou ética comunitária?**

A renovação ou recuperação da teologia moral, estilizada ou esterilizada nos manuais para o uso dos confessores, recebeu duas injeções da vida cristã que tive-

ram larga repercussão entre os fiéis: o seguimento de Cristo Jesus e o Reino de Deus no mundo humano. Os dois temas não se deixam separar na teoria e nem na práxis, embora a combinação seja variável na caminhada das pessoas e comunidades. A mensagem com que Jesus começou era: “Está próximo o Reino de Deus” (Mc 1,15). Ele mesmo fundou este Reino e como o “primogênito de todas as criaturas nos céus e na terra” (Cl 1,15-16) fez do universo sua área de libertação, campo de trabalho construtivo para seus discípulos. Jesus e o Reino de Deus formam uma unidade, como a cabeça e o corpo com seus membros constituem uma unidade somente.

Neste panorama de fé cabe uma pequena realidade dinâmica do formando e o instituto religioso em que entrou como novato. A dinâmica desta nova relação é dupla. Da parte do formando que começa a participar da convivência nova, mas já constituída e formada, o movimento é de reconhecer aos poucos a área humana, de tentar adaptar-se aos religiosos que moram mais tempo na casa e de procurar se integrar. Da parte da comunidade que o recebe, a dinâmica é levar sua vida em comum para frente, explicar sua maneira de viver juntos e prestarem seus serviços conforme as tradições da casa as quais tem sua estabilidade móvel entre as constituições e regulamentos e o mundo que rodando sempre em redor do sol transforma-se com rapidez.

No processo de aproximação e integração do novo e do velho, o formando passa de um rio mais largo de experiências e opções para um sistema organizado de canais que exigem uma nova habilidade para o navegador. Quando nasceu e começou a descobrir sua mãe, seu pai, seus irmãos, o

espaço da casa e da rua, vizinhos, qualquer pessoa quase automaticamente aprende a nadar na correnteza de um rio de emoções, conhecimentos e práticas que se vão alargando com a escola, amiguinhos, outras famílias, colegas. No instituto religioso está tudo organizado, regulamentado, marcado e previsto, como certos movimentos de leigos também. O horizonte largo do idealismo e expectativas torna-se uma estrutura complicada, uma disciplina em que a descoberta lentamente se impõe, de que os outros moradores da casa, mesmo uniformizados são mais variados e humanos, com suas sombras e curiosidades que não são encarnações perfeitas da espiritualidade ensinada.

Enquanto o rio é de convivência e encontros dos dois gêneros, o sistema dos canais é de um gênero apenas, ora só de homens, ora só de mulheres, ao que fez uma diferença grande na formação e vivência afetivas. Os velhos manuais da teologia moral em latim já mencionavam o caráter especial desta situação. Os problemas cotidianos da vida familiar, de conversas em casa, de afetividade e carinho, de liberdade e dinheiro, de festinhas e conflitos, ficam à distância. Agora é o instituto que põe a mesa, fornece as roupas e mobiliário, mantém a casa, marca os cursos e estudos, a divisão do tempo, paga médico, dentista e remédios. Entrar na comunidade é segurança de emprego, de formação intelectual, de assistência, de futuro, uma existência tão diferente dos colegas que ficaram no mundo.

De qualquer maneira a comunidade religiosa que recebe e inclui formandos tem sua variedade de membros. Geralmente selecionados pela direção do instituto. Estas

comunidades já têm sua própria forma, mais ou menos flexível, simpática ou severa, aberta e democrática ou fechada e liderada por um mandão – administrador, também o nível das conversas da vida em comum pode ser diferente e estar orientado para a superficialidade de noticiários e novelas de televisão, música jovem e futebol, mais seriedade social e política ou espiritualidade e assuntos do próprio instituto. Conforme o padrão de expectativas dos formandos, a comunidade ajudará e estimulará a integração ou decepcionará e desilusionará os novatos. No mundo de hoje, fator importante é o ritmo de renovação e mudanças internas da comunidade por participação de todos os membros no lugar da observância imóvel do ‘sempre foi assim’ que muitas vezes se refere apenas ao próprio passado de quem fala.

O discurso sobre os desafios da sociedade contemporânea tem um auditório, tudo menos do que uniforme. Se os documentos oficiais são lidos ou discutidos em comum com a comunidade toda é pergunta aberta; como também as opções que cada um fez para com os meios sociais de comunicação à disposição nas casas. Em sua formação teológica, os idosos ouviram pouco sobre a Doutrina Social da Igreja. Análises sociais, culturais, políticas e econômicas da região, estado, do Brasil, do mundo certamente não costumam ser trabalhos comuns regulares. Muitos religiosos já têm serviços que chega, rodando no pequeno mundo de cada dia, têm suas preocupações. Até qual ponto estes desafios chegam a penetrar nos estatutos e planos do instituto? Qual é a colaboração dos vários institutos, masculinos e femininos, na pastoral social urbana e

regional? Diante das limitações humanas não parece ter nesta visão uma boa dose de utopia de “deixa pra lá”?

O Concílio Vaticano II já constatou que a história humana está acelerando rapidamente, tornando a sociedade dinâmica e mutante. Atualmente o ritmo do tempo anda ainda com mais rapidez, num processo contraditório de aproximação globalizante e separação mais injusta. Se um grupo de pessoas de diversas idades caminha devagar, o grupo fica coeso; se acelera o passo, vai criando maiores distâncias entre os participantes. No encontro do novato com seu idealismo e o instituto religioso, encontram-se atualmente dois mundos, dois ritmos de vida, dois rituais. O formando é mais como matéria-prima de muitas possibilidades e desejos e muita mobilidade: o instituto é mais ou menos fixo e codificado e passa por muitas vidas para mudar algo mais fundamental. Se no processo da integração ambas as partes não têm flexibilidade, compreensão, capacidade de diálogo e paciência, muitos novatos serão selecionados para fora e o instituto perderá a possibilidade de se renovar e revitalizar.

Em papel tudo isso pode parecer razoável e lógico, mas na prática entra e se vinga sempre o “homem mancante”, o homem com suas limitações, capacidades e sombras, marcado pela sua própria história. Um idealismo platônico se pode dar ao luxo de criar a imagem do homem perfeito. Institutos religiosos, porém, fazem história com o material humano que têm à sua disposição para melhor e para pior, com a diferença para com os participantes, as pessoas que o instituto mesmo é mais pesado, fixado em leis e tradições, cuja estrutura é difícil de movi-

mentar. Será que o agir profético dos institutos estabilizados não se manifestaria precisamente na coragem de se mudar de tal modo que abrem espaço amplo para a criatividade dos jovens que o procuram? O poeta clássico Virgílio achou um peso pesado fundar o povo romano. O que custaria em energia e inteligência e muita luz do Espírito Santo mudar um instituto de reverenda e benemérita história? e isso numa época que procura segurança e restauração para navegar pelas tempestades.

### **A segurança traiçoeira**

A violência é marca registrada da sociedade atual, especialmente a urbana. Todos os dias os meios de comunicação despejam uma massa de atentados, roubos, fraudes, casos de corrupção, bombardeios, terrorismo, desastres com muitas vítimas, mortas ou deficientes para o resto da vida, sobre o público que lê jornais, escuta rádio e olha televisão. Penetrando mais nas raízes, entram as condições neurotizantes da grande cidade, a próxima distribuição de renda, o desemprego e assim mais. A resposta é clara: segurança para proteger sua vida e saúde, sua propriedade, seu emprego no nível pessoal e público para ir e vir à vontade, sem medo. Segurança é bandeira global. Até a religião serve de luva de veludo para caminhar com segurança.

A segurança, porém, há também sua sombra que traz uma tranquilidade falsa e um indiferentismo para com os sofrimentos e frustrações dos outros. Ao mundo comum de rapazes e moças pertencem os esforços para poder estudar, fazer compras, procurar emprego, arranjar médico, ganhar dinheiro para se vestir, pegar transporte, divertimento e quanto mais pobre tanto

mais há de lutar para obter condições mínimas de vida razoável e “engolir sapo”, para não desanimar. Mas se este rapaz e esta moça entra na vida religiosa, não precisa se preocupar. Comida, roupa, cama, moradia, estudos, emprego, férias, assistência médica, remédios e tratamento, viagens, INSS, dispensa do serviço militar, tudo lhe é dado de graça nas mãos e ele ou ela não precisa preocupar com nada. “Tudo está previsto” e resolvido já penetrou até em certos movimentos leigos.

A sombra desta tática é achar que tudo isso é normal. O que está atrás desta pedagogia é a libertação de todos os cuidados materiais para poder gastar sua energia limitada em coisas superiores, espirituais. Mas esta distribuição das forças matriz, sinal de uma interpretação dualista da existência humana, pode produzir uma segurança estéril. De fato tira uma boa carga de preocupações e cuidados com a parte existencial passageira da caminhada terrestre, mas corre também o risco de se concentrar tanto na espiritualização da vida, que o coração perde sua capacidade de sentar com os pobres, aleijados, deficientes, pecadores que perderam o rumo. A segurança que o instituto fornece e garante se torna uma figueira em que próximo nenhum encontra fruto.

Na psicologia social é conhecido o tipo do “nouveau riche”, o novo rico. É o perfil da pessoa que nascida na pobreza e exclusão, chegou a fazer carreira numa profissão livre ou empresa e ganha bom salário. No entanto, em vez de ter compaixão por qualquer Lázaro por aí, é pão duro, trata mal os inferiores e pisa neles. Contra a expectativa de encontrar compreensão e sensibilidade social, este tipo tem um co-

ração de pedra e circula apenas em redor de sua própria importância e poder.

De um(a) religioso(a) formado(a) pode se esperar que enxergue o mundo humano desigual em redor de sua casa, em sua paróquia, sua cidade e país. As linhas mestras de o que se chama Doutrina Social têm suas raízes na Bíblia, na tradição da justiça na Igreja e nos Direitos Humanos, mundialmente aceitos, ao menos na teoria, e assumidas por João XXIII na encíclica "Paz e Terra" e seus sucessores. O problema prático é que não é simples questão de conhecimento, mas de sensibilidade, de compaixão, do espírito de enxergar, avaliar e fazer, enquanto é humanamente possível.

A rica variedade de institutos religiosos conhece uma variedade de funções e serviços sociais. Sobriedade e abundância, conforto das instalações e despesas com o sustento dos religiosos variam também muito. Modestamente entra aqui a senhora Pobreza numa perspectiva especial. Numa Igreja dos pobres é de esperar que os pobres sejam recebidos e tratados de coração aberto, ora, ao menos com boas maneiras civilizadas, embora tenha sido um problema da comunidade cristã desde a Carta de Tiago. Numa cultura embutida de discriminações, a formação permanente de religiosos e religiosas inclui a missão de ultrapassar estas limitações. O que é mais fácil programar do que realizar na maneira de contratar e tratar os outros, diferentes de etnia, gênero e status social.

A pergunta: este dinheiro não devia ser gasto com os pobres está carimbada infelizmente com a marca de Judas, traidor e ladrão, segundo seu companheiro João. Mas para atrair os pobres e sofredores dentro do horizonte da vida cotidiana dos(as)

religiosos(as), não seria significativa a preocupação de incluir os pobres dentro do orçamento das casas, em vez de gastar toda a renda para o instituto se enriquecer e aumentar seu patrimônio? Que os institutos religiosos defendem seu caráter filantrópico conforme as exigências do direito civil para não pagar imposto, não está focalizado agora. É um privilégio que talvez dê dor de cabeça, mas contribui pouco à formação da consciência coletiva dos(as) religiosos(as), que mal percebem as complicações. Das outras questões entram no que dizem respeito à economia.

Talvez a primeira pergunta sirva a título de introdução. O que custa em médico a manutenção de um(a) religioso(a), com atenção especial à casa de formação de sacerdotes na maioria dos institutos masculinos?

Na Idade Média, moralistas já observaram que um certo bem-estar econômico ajuda a observância das normas de vida cristã. Na atualidade a tese ainda não perdeu seu valor. Para dar certo relevo à resposta, uma comparação serve com a renda per capita da grande maioria da população. A segunda pergunta segue a primeira. Qual é a presença de tantas famílias pobres e paupérrimas no imaginário de religiosos ou religiosas, quando o assunto é uma grande despesa com a reforma da casa ou um novo edifício? Solidariedade com os necessitados não é uma nuvem no ar. Religiosos(as) de vida sóbria de um instituto rico é apenas um paradoxo trágico ou um destino histórico inevitável?

Se o sol perder sua força, para que servirá? Se a procura de segurança e conforto obscurecesse o "resto" do mundo, a vida religiosa evangélica se esvaziaria e daria apenas escândalo.

## A escola dos aprendizes

O gênio Miguelângelo criou para o mau-soléu dos Médici em Firenze na Itália, as imagens dos escravos, homens fortes que ficam pela metade dentro dos blocos de mármore. Com um pouco de imaginação, o visitante capta a sugestão de que eles estão lutando para se libertar da massa pertinaz que ainda os prende. Com perseverança eles se esforçam para continuar sua libertação até a plenitude que já começou, mas não está completa ainda.

A vida religiosa é um processo permanente entre a entrada no instituto até a chegada da irmã, a morte corporal de que ninguém escapará (São Francisco no seu Cântico do Sol). Nesta perspectiva dinâmica todos os religiosos e todas as religiosas estão na mesma peleja. Tanto aquele que chega agora, quanto aquele que já chegou faz anos, e os que ainda não chegaram. O que os une é a fidelidade evolutiva e o status de serem aprendizes no conjunto crescente de sua convivência e cooperação no bem. Todos, idosos e jovens, hão de escutar e meditar o que o Espírito lhes diz no mundo de hoje, para discernir e mapear o caminho comunitário para frente em busca do prêmio final.

Institutos religiosos costumam construir no decorrer dos tempos estruturas firmes que regulam a organização e a vida até em pormenores. Parecem, às vezes, castelos medievais, fortalezas invencíveis em cima duma montanha íngreme, difícil de alcançar e incômodo para morar. As leis, no entanto, não são dos Medos e Persas, como no tempo do profeta Daniel. São fórmulas em que pessoas vivas em determinada época tentaram formular sua experiência de convívio de Deus e de convívio com seus irmãos e suas irmãs. E as mudan-

ças e trocas das pessoas e os fluxos dos tempos obrigam a flexibilizar a fidelidade da vida e, por isso, a reformular a lei. Quanto mais rápido é a transformação da realidade humana, tanto maior é a pressão de modernizar a canalização da vida.

Democracia participativa não é vocábulo que pertence à auto-compreensão da Igreja e serve-lhe apenas como ponto de programa para a organização política terrestre que pertence à figura deste mundo que passa. Não obstante, sugere algo aos institutos religiosos e suas comunidades de jovens e idosos, novatos e veteranos. Apesar da herança do clericalismo e do monopólio da palavra, o valor e a práxis da partilha e da participação estão criando raízes no Povo de Deus e nas reuniões de religiosos(as). Nesta forma o apelo à responsabilidade e entendimento de cada um está dando fruto para a construção da verdadeira e real comunidade à qual todos participam com seus tijolos de experiência e competência. Nesta direção de uma opinião pública em formação não é mais a lei do mais forte ou a hegemonia do poder instituído ou não que determinam tudo para a obediência cega e ignorante dos que pertencem ao instituto. Para cristalizar uma decisão de acordo, assumida por todos, uma mesa redonda é um símbolo melhor do que um rei em seu trono que, ao máximo permite uma piada do bobo da corte.

Com regularidade reabastecer a dinâmica da libertação é um desafio interno do próprio instituto que quer enfrentar a realidade de hoje. Isso não significa deixar aberto o diálogo que escuta e tenta entender os outros, jovens e idosos, mas precisa também chegar a conclusões comuns a realizar nas convivências locais do instituto

para não se tornar um blá blá blá sem fim e sem resultado. Para ser eficiente, a abertura dialogal se funda no respeito pelas pessoas e a discrição pelo particular. A mesa redonda não serve para virar a caixa de lixo por cima dela. Especialmente em conflitos de opinião manifesta-se como é difícil aprender a dialogar, combinar algo comum e esforçar-se a praticar o compromisso alcançado, talvez depois de negociações complexas. Perseverar até o fim é aprender até o fim, pois também religiosos e religiosas, vivos neste mundo e nesta época ainda não se libertaram por completo e permanecem aprendizes dos outros e com os outros.

### **Sem mim, nada podeis fazer (Jo 15,5)**

Nos institutos religiosos, porém, mesas redondas, tronos ou cadeiras em círculo não resolverão, enquanto a Eucaristia não é celebrada em redor do altar, fonte de vida para onde todas as vidas convergem e fonte de energia de onde todas as ações humanas recebem sua força, luz e irradiação pelo mundo. Reuniões, debates e discussões sobre as coisas de Deus e sobre as coisas humanas podem unir ou afastar, criar conversa ou separação, bate-papos ou bate-bocas. Em redor da mesa da palavra e do pão, o espírito do Senhor Jesus se comunica aos espíritos de seus servos e suas servas inúteis, inspirando união, paz, coragem e perseverança para colaborarem juntos na vinda do Reino

de Deus e na edificação de todos os peregrinos humanos por este mundo.

A vida num instituto religioso ondula entre dois pólos: o entusiasmo e a rotina. Muitas vezes a entrada está marcada pelo entusiasmo, uma motivação idealista e vaga e uma curiosidade que quer se instalar em algo novo. Há algo de mito clássico de Ícaro que queria voar como um Tuiuíú do Pantanal, mas perdeu suas asas no calor do sol. Doutro lado, está a rotina que esvazia o sentido da vida religiosa que fica uma casca oca de burocrata ou funcionário robotizado sem o sabor da fruta madura. Vida religiosa não se identifica com um balão que voa no vento nem com um robô programado.

O cerne da convivência de religiosos(as) de idade, caráter e história diferentes é a Eucaristia em que o Senhor Jesus continua a linha da graça de Deus que o Evangelho registrou, inspira e comunica. Na liturgia o Povo de Deus confessa que, por Cristo, com Cristo, em Cristo, celebra, honra e glorifica o mistério da Santíssima Trindade, comemora a morte e ressurreição de Jesus e se alimenta com o pão da vida e o cálice da salvação. Assim a comunidade religiosa cresce em profundidade de paz, amor fraterno e paciência, para ser luz mais clara, sal que tempera melhor a vida humana e fermento que tem mais força de levedar a massa na luta pela libertação da humanidade no mundo atual.

Endereço do autor:  
Cx P. 16 - Divinópolis - MG

#### **QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE**

- 1- O que pensam em sua comunidade sobre a juventude de hoje e sobre os(as) formandos(as) de seu instituto?
- 2- Como funciona o sistema de formação inicial e permanente em seu instituto?
- 3- Qual é a participação real dos(as) demais membros(as) do seu instituto na formação inicial?



CRB

Impresso  
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

## *Quadro Programático da CRB 2005-2007*

### *Horizontes*

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

### *Prioridades*

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

### *Realces*

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.